

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE
SANTA CATARINA**

**ALMIR ALVES JÚNIOR
AMANDA SCHÜTZ
ZELINDA BENTINHA RIBEIRO**

**JOVENS E ADULTOS:
INTERAÇÕES NUM MESMO ESPAÇO ESCOLAR**

**FLORIANÓPOLIS
2007**

**ALMIR ALVES JÚNIOR
AMANDA SCHÜTZ
ZELINDA BENTINHA RIBEIRO**

**JOVENS E ADULTOS:
INTERAÇÕES NUM MESMO ESPAÇO ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial ao Programa de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Olga Celestina da Silva Durand

**FLORIANÓPOLIS
2007**

FICHA CATALOGRÁFICA

JÚNIOR, Almir Alves; **SCHÜTZ** , Amanda & **RIBEIRO**, Zelinda Bentinha

Jovens e Adultos: Interações num mesmo Espaço Escolar/
Almir Alves Júnior; Amanda Schütz; Zelinda Bentinha Ribeiro;
orientação da Profª. Drª. Olga Celestina da Silva Durand.
Florianópolis: Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa
Catarina, 2007.

Monografia do Curso de Especialização em Educação
Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na
Modalidade de Jovens e Adultos.

**JOVENS E ADULTOS:
INTERAÇÕES NUM MESMO ESPAÇO ESCOLAR**

**ALMIR ALVES JÚNIOR
AMANDA SCHÜTZ
ZELINDA BENTINHA RIBEIRO**

**Esta monografia foi julgada adequada como requisito parcial à obtenção do
título de Especialista, pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de
Santa Catarina**

Prof^a. Dr^a. Olga Celestina da Silva Durand
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Centro de Ciências da Educação – CED

Banca Examinadora:

Prof^a. D^{rand}a. Dóris Regina Marroni Furini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS
Centro de Educação

Prof^a. D^{rand}a. Maria Francisca Giron
Universidade Federal do Rio Grande Sul - UFRGS
Centro de Educação

AGRADECIMENTOS

A Deus pela VIDA!

Nossos sinceros agradecimentos são para pessoas especiais que contribuíram para este trabalho e para nosso crescimento pessoal e profissional.

Professora Dr^a. *Olga Celestina da Silva Durand* que no primeiro convite aceitou-nos para ser nossa ORIENTADORA. E, com grande entusiasmo e conhecimento direcionou-nos ao mundo da pesquisa, da análise junto à reflexão crítica, contribuindo para o engrandecimento de nosso trabalho.

Em, duplamente especial, à Professora D^{randa}. *Dóris Regina Marroni Furini* pela sua co-orientação, deixando-nos tranqüilos com sua dedicação, conhecimento, seu especial atendimento paralelo junto a nossa Orientadora.

Às Professoras Coordenadoras Waléria Kulkamp Haeming e Maria Clara Kaschny Schneider, do Curso de Pós-graduação, pela oportunidade de sermos uma das primeiras Turmas da Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos. Nosso Muito Obrigado por consolidar conhecimento, integrações e troca de experiências em nossa história de Professores da EJA.

Aos demais Mestres que transmitiram seus ricos conhecimentos em cada unidade planejada e nos agüentaram nas sextas-feiras à tarde, à noite e nas manhãs de sábado.

Aos nossos pais, ‘filho’, namorados (as) que ficaram com nossas ligações em intervalos de aulas. Mas, no entanto, em outros espaços, deram-nos energia, amor e ajudaram a organizar nossa vida em momentos de produção acadêmica do Curso e trabalho educacional com nossos alunos.

A todos os novos amigos que dividiram sorrisos, experiências e novos olhares à Educação de Jovens e Adultos.

*Vamos celebrar a estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja de assassinos
Covardes, estupradores e ladrões
Vamos celebrar a estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso estado que não é nação
Celebrar a juventude sem escolas
Crianças mortas
Celebrar nossa desunião
Vamos celebrar eros e thanatos
Persephone e hades
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade*

Legião Urbana - Perfeição

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	vii
LISTA DE GRÁFICOS	viii
RESUMO	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – BRASIL (EJA) MOSTRA TUA CARA: UM OLHAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	3
1.1 Adeus ao Supletivo e Bem-vinda à EJA	6
1.2 Dentro da EJA: O CEJA	7
CAPÍTULO 2 – ENCONTRO DAS GERAÇÕES	10
CAPÍTULO 3 – JOVEM E ADULTO NO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM	12
3.1 A(s) juventude(s)	12
3.2 O(s) adulto(s)	17
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXOS	42

LISTA DE SIGLAS

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina

CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PPP - Plano Político Pedagógico

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Constituição do Grupo pesquisado	22
Gráfico 2 – Naturalidade dos Entrevistados	23
Gráfico 3 – Estado Civil dos Entrevistados	24
Figura 4 – Entrevistados que têm filhos	25
Gráfico 5 – Idade dos filhos dos Entrevistados	26
Gráfico 6 – Profissões dos Entrevistados	27
Gráfico 7 – Bairro em que residem os Entrevistados	28
Gráfico 8 – Ingresso no Ensino Fundamental	29
Gráfico 9 – Modalidade de ingresso no Ensino Fundamental	30
Gráfico 10 – Ingresso no Ensino Médio Regular	31
Gráfico 11 – Opção pela modalidade EJA	31
Gráfico 12 – Objetivo motivador ao retorno à escola	32
Gráfico 13 – Idade dos Colegas de Turma	32
Gráfico 14 – Preferência na idade dos colegas nas atividades coletivas	33
Gráfico 15 – Percepção de êxito na aprendizagem entre as gerações.....	34
Gráfico 16 – Percepção de interferência na participação das aulas entre jovens e adultos ...	35

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a interação no encontro de gerações - jovens e adultos - num mesmo ambiente escolar e suas implicações na relação ensino-aprendizagem; descrevendo as percepções, as expectativas, objetivos e as necessidades dos sujeitos pesquisados pertencentes à Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino que oferece oportunidades de aprendizagem àqueles que não realizaram sua escolaridade no tempo adequado. A monografia foi fundamentada em pesquisa bibliográfica e de campo, utilizando-se de questionários e entrevistas analisados por meio de abordagem qualitativa e quantitativa. O objeto de pesquisa foi composto por 44 alunos da Escola de Educação Básica Vicente Silveira, pertencentes ao Ensino Médio Modular, do bairro Passa Vinte, no município de Palhoça, vinculada ao CEJA de Florianópolis/SC. Os resultados obtidos apresentaram que a aprendizagem e a participação na sala de aula são enriquecidas através da interação entre as gerações: jovens e adultos. Há uma troca mútua, os jovens por estarem mais atualizados em conteúdo didático ajudam os mais velhos. E os mais velhos com suas experiências de vida, maturidade, os esforços para atingir seus objetivos educacionais são exemplos para os mais novos na busca do conhecimento e assim, consequentemente na melhoria da qualidade de vida. Nesta interação entre as gerações os jovens se sentem mais responsáveis e os mais velhos mais jovens.

Palavras chaves: CEJA, EJA, encontro das gerações, interação.

INTRODUÇÃO

Logo nos primeiros encontros na Especialização sobre Educação de Jovens e Adultos já começamos a conversar sobre o tema a qual foi destinada esta monografia. Nossa maior interrogação era a mesma: Como poderia “dar certo” pessoas de idades tão diferentes dividindo o mesmo espaço em sala de aula? Apesar de lecionarmos na Educação de Jovens e Adultos não poderíamos fugir desta realidade presente em nosso cotidiano. Como curiosos pelo tema, saímos em busca de respostas que poderiam sanar nossa sede por explicações.

Esta monografia é resultado de um trabalho entre três professores: Almir Alves Junior, geógrafo e professor de Geografia, formado pela Faculdade de Educação da UDESC, lecionando na Educação de Jovens e Adultos – EJA, no município de Governador Celso/SC Ramos desde 2000, na modalidade de Telessala; Amanda Schütz, historiadora e professora de História, também formada na Faculdade de Educação da UDESC, trabalhando, atualmente, na EJA do município de São José/SC nas séries do Ensino Fundamental e Médio; e Zelinda Bentinha Ribeiro, formada em Secretariado Executivo Bilíngüe – Português e Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, atuou no ano de 2006 como professora de Língua Inglesa na EJA do município de São José/SC..

A interação e/ou os conflitos existentes entre jovens e os adultos nos chamavam a atenção. A convivência de grupos tão distintos teria o poder de aproximar ou de gerar conflitos na busca do conhecimento? Como se davam as relações entre pessoas tão diferentes? Dentro deste cenário, este estudo foi relevante porque nos permitiu descobrir se a convivência entre jovens e adultos contribui em uma interação construtiva ou negativa do conhecimento. Os diferentes interesses, objetivos e experiências que os fizeram voltar à sala de aula seriam proveitosos ou não entre jovens e adultos que dividem os bancos escolares?

Nossa pesquisa foi realizada, por meio de um questionário entre os alunos do núcleo do Centro de Educação de Jovens e Adultos na Escola de Educação Básica Vicente Silveira, do bairro Passa Vinte, no município de Palhoça - Santa Catarina. A pesquisa foi aplicada entre o período de 10 de novembro a 02 de dezembro do ano de 2006, com 68 (sessenta e oito) alunos do Ensino Médio, do período noturno. Sendo que 44 (quarenta e quatro) alunos responderam o questionário, correspondentes a 64% (sessenta e quatro por cento) dos entrevistados.

Por carência de informações sentimos a necessidade de conversarmos com os alunos; voltamos ao núcleo pesquisado em maio deste ano (2007), onde entrevistamos por meio de

uma conversa informal alguns dos estudantes que responderam anteriormente nosso questionário. O resultado desta conversa foi compensador, os estudantes entrevistados sentiram-se mais a vontade para relatar seu cotidiano na escola. Observamos de perto suas angústias, experiências, motivações, objetivos e necessidades.

O conteúdo deste trabalho é uma forma de entender as relações de convivência existentes entre pessoas de idades, características e necessidades divergentes atuando num mesmo espaço escolar. Percebemos que há uma troca mútua de experiências e vivências entre jovens e adultos. Os primeiros por estarem mais atualizados em conteúdo didático-pedagógico, em informações e tecnologias recentes, desta forma ajudam os mais velhos. E os adultos com suas experiências de vida e maturidade, com os esforços para atingir seus objetivos educacionais são exemplos para os mais novos na busca pelo conhecimento, na perseverança e assim, conseqüentemente na busca de uma vida melhor.

A compreensão quanto a forma de interagir do grupo de educandos pesquisados deu-se por meio de diversas fontes como: revistas especializadas em educação, questionários, entrevistas com alunos da EJA. Para a efetivação desta pesquisa, fizemos um levantamento de dados bibliográficos que embasaram o tema abordado, entretanto deparamo-nos com uma limitada literatura sobre interações de gerações no ensino-aprendizagem. No que diz respeito ao tema da juventude, estamos conscientes que trabalhamos com um tema difícil de ser delimitado, pois diverge a uma gama de experiências, formas de agir, costumes e identidades destes grupos. Constitui-se, portanto, um desafio, pois se trata de um campo pouco consolidado bibliograficamente. Segundo Souza (2003, p. 12.)

“Não bastam mais alguns signos estéticos identificadores para definir juventude, nem mais classificá-la etariamente. Isso porque os usos e costumes entendidos como algo “jovem” acabam por cair no gosto de outros grupos etários, fora do espectro normalmente aceito por juventude.”

Para apresentar a monografia e nossas reflexões, este trabalho foi dividido em quatro capítulos: o primeiro faz um breve panorama sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil; o segundo aborda o encontro de gerações: Jovens e Adultos; no terceiro capítulo destaca o jovem e adulto no espaço escolar. O último capítulo elucida os dados levantados através de gráficos e reflexões, constituindo primeiro o perfil sócio-econômico de nossos entrevistados visando conhecer nosso aluno, depois partimos para as interações escolares; e as considerações finais.

CAPÍTULO 1 – BRASIL (EJA) MOSTRA TUA CARA¹: UM OLHAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pensar em Educação de Jovens e Adultos no Brasil é compreender um conjunto de relações que estão intimamente ligadas às questões econômicas, sociais, políticas e familiares. Estas questões, em sua maioria, se refletem em dificuldades de acesso ao ensino e ou no abandono dos bancos escolares por parte dos educandos.

A Fundação Getúlio Vargas – FGV após realizar uma avaliação nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD –, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE mostra por meio do artigo *Desinteresse, Emprego e Falta de Transporte tiram 20% dos Jovens da Escola*, divulgado na Revista Aprende Brasil, que

“em cada cinco jovens com idade entre 15 e 17 anos não frequenta a sala de aula. Os principais motivos alegados pelos jovens que estão fora da escola são desinteresse [42%], atividade profissional ou doméstica que impede o estudo [21%] e a falta de transporte [10%].” (Abril/maio, 2007, p. 6)

O artigo cita Rondônia como o estado “com maior taxa de jovens que não querem estudar por desinteresse, com 13,75%” (2007, p. 6). Também, destaca o Acre pelo mais alto índice de alunos que não têm acesso à continuação de seus estudos por falta de escolas acessíveis. A FGV, ainda, revela que entre os jovens de 15 e 17 anos com maior carga horária de estudo são os de Brasília, com 4,8 horas, já Santa Catarina ocupa o último lugar entre os estados com 3,1 horas. Ao confrontar este último dado da FGV com os jovens pesquisados nesta monografia, têm-se a carga horária destes de 2,3 horas, portanto bem abaixo da média geral do estado.

Em relação às questões econômicas pode-se enumerar diversas causas, uma delas como descreve a FGV por meio do relatório do PNDA (Abril/maio, 2007, p 6), é a entrada precoce no mercado de trabalho que obriga as crianças, os adolescentes e os jovens a desistência dos estudos.

Referente ao tema social, após a leitura do artigo *O jovem como sujeito social* de Dayrell (2003) pode-se verificar que é relevante a discrepância em que os alunos têm em sala de aula: roupas, calçados, material escolar, objetos de uso pessoal, oportunidades culturais,

¹ Brasil, letra de Cazuza, Nilo Romério e George Israel
ARAÚJO, Lucinha, p.176.

quais fazem os menos favorecidos sentirem-se diferentes dos demais, muitas vezes resultando na exclusão social e escolar.

No que tange as questões políticas, segundo Bollmann (2006, p. 2) “a educação não pode ser entendida apenas como palavras a serem utilizadas nas grandes manifestações [...], mas é uma obrigação dos governos nacionais a responsabilidade de seu amplo e total financiamento” A responsabilidade de manter a Educação pública e de qualidade não vem acontecendo por parte do Estado, a cada ano diminui o interesse do governo. Desta forma ainda, para Bollmann (2006, p. 2), a educação se transforma em uma mercadoria, cujo valor agregado depende como qualquer outro produto, das oscilações do mercado.

No quesito família, hoje em dia a composição familiar mudou, fatores sociais, políticos, culturais e econômicos mudaram a estrutura familiar. As taxas de natalidade diminuíram, a sociedade deixou de ser patriarcal. Novas oportunidades sucederam ao longo do ciclo vital das pessoas e modelaram uma biografia para suas vidas. As situações que refletiam há alguns anos atrás nas configurações familiares foram modificadas levando a valores e necessidades que só vão serem compreendidos mais tarde, quando estes que abandonaram os estudos voltam aos bancos escolares procurando novas oportunidades. (BERQUÓ, 2004)

Enfim, todas essas questões resultaram num número expressivo de brasileiros analfabetos ou que não tiveram concluído sua formação básica e hoje freqüentam a EJA – Educação de Jovens e Adultos – como uma oportunidade para conquistar a empregabilidade² e as condições do exercício de cidadania. Arroyo (2006, p.19) relata que

“O campo de Educação de Jovens e Adultos tem uma longa história. Diríamos que é um campo ainda não consolidado nas áreas de pesquisa, de políticas e diretrizes educacionais, da formação de educadores e intervenções pedagógicas. Um campo aberto a todo cultivo e onde vários agentes participam. De semeadura e cultivos nem sempre bem definidos ao longo da sua tensa história”.

A citação de Miguel Arroyo reafirma a trajetória da EJA no Brasil. A Educação de Jovens e Adultos está presente desde o início da colonização do país, onde os adultos (índios) passaram a ser escolarizados por meio das missões jesuíticas. No período colonial houve

² A **empregabilidade**, baseia-se numa recente nomenclatura dada à capacidade de adequação do profissional às novas necessidades e dinâmica dos novos mercados de trabalho. Com o advento das novas tecnologias, globalização da produção, abertura das economias, internacionalização do capital e as constantes mudanças que vêm afetando o ambiente das organizações, surge a necessidade de adaptação a tais fatores por parte dos empresários e profissionais. (WIKIPÉDIA, 2007)

poucos e localizados avanços educacionais. Haddad & Di Pierro (2000) relatam que a primeira Constituição Brasileira, de 1824, já no período Imperial, garantia a instrução primária e gratuita a todos os cidadãos, incluindo também os adultos, no entanto, só possuía cidadania uma pequena parcela da população, na qual ficavam excluídos negros, indígenas e grande parte das mulheres. Na República, conforme os estudos de Haddad & Di Pierro (2000) com a Constituição de 1891 descentralizou-se o ensino básico das Províncias e Municípios. A União assumiu a responsabilidade do ensino secundário e superior, garantindo

“a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente”. (HADDAD & DI PIERRO, 2000, p. 109)

Haddad e Di Pierro (2000, p. 110) relatam a que a Primeira República caracterizou-se por diversas reformas educacionais que até chegou a preocupar-se com a precariedade do ensino básico, no entanto no censo de 1920, 72% da população acima de 05 anos de idade continuava analfabeta. Segundo as pesquisas destes autores a Revolução de 1930 assinala a passagem de uma sociedade artesanal e agrário-comercial para urbano-industrial, que leva a profundas transformações sociais. Com a nova Constituição de 1934 o aspecto educacional passa a ser fiscalizado e coordenado pelo Governo Federal, reafirmando o direito “de todos e o dever do Estado para com a educação.” (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 111) Ainda, mostram que no final da década de 1940 a educação de jovens e adultos tornou-se um problema político nacional. Várias tentativas de ações políticas foram idealizadas e até mesmo formalizadas, no entanto, na prática elas não aconteciam, até que a UNESCO, em 1945 denunciou “ao mundo as desigualdades entre os países e alertava para o papel que deveria desempenhar a educação, em especial a educação de adultos, no processo de desenvolvimento das nações categorizadas como ‘atrasadas’” (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 111, grifo dos autores).

Conforme Haddad & Di Pierro (2000, p. 112) foi somente em 1947 que se instituiu o Serviço de Educação de Adultos – SEA pelo Ministério da Educação e Saúde, com a finalidade de trazer o curso supletivo para adolescentes e adultos analfabetos. Porém, no geral, a educação continuou refletindo as contradições da sociedade.

Os autores continuam a historicidade da EJA afirmando que com o golpe militar de 1964 desencadeou a ruptura política afetando os movimentos de cultura popular e educação. Em 1967, para dar resposta a um direito de cidadania foi criado o Movimento Brasileiro de

Alfabetização – MOBRAL. Este foi um movimento em que a concepção de alfabetização caracterizou-se por uma mera técnica mecânica de decodificação e de reprodução da ideologia dominante. Paralelo ao Mobral o Ensino Supletivo estava sendo financiado e gerido pelo governo.

1.1 ADEUS AO SUPLETIVO E BEM-VINDA À EJA

Na década de 1990 o termo supletivo tornou-se inadequado para o objetivo educacional proposto pelos novos padrões da Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96. A função do Supletivo ficou muito interligada as políticas do Mobral, desta forma com o desaparecimento do Mobral, conseqüentemente o Supletivo perde suas forças e credibilidade, assim a EJA surge como uma outra forma de revitalizar a Educação para aqueles que não tiveram acesso a ela.

Foi na Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB), Lei Darcy Ribeiro, de 1996, que a noção de ensino supletivo desaparece e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) fica caracterizada como uma modalidade da Educação Básica. Em seu art. 37 é dito que a EJA “será destinada àqueles que não tiveram acesso a continuidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria.” Assim, a modalidade é incluída no ensino “regular”, ou seja, fica diferenciada do ensino “livre”, como cursos de idiomas, por exemplo. (HADDAD & DI PIERRO, 2000, p. 121)

Para melhor identificar a EJA, como modalidade de Educação, o Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação definiu a EJA por três funções primordiais, que são:

1º – Função Reparadora: refere-se à restauração do direito à escolarização “um imperativo e um dos fins da EJA”, independente da idade ou sexo dos cidadãos.

2º – Equalizadora: vem para adequar a correlação entre idade e ano escolar, visando o retorno às atividades escolares para aqueles que interromperam seus estudos.

3º – Qualificadora: está interligada ao objetivo de proporcionar educação continuada, qual é a função permanente da EJA.

Segundo Arroyo, (2006, p. 17 – 19) a EJA, ainda, está acontecendo pelas bordas apesar de suas funções primordiais; as políticas que norteiam a Educação de Jovens e Adultos não estão bem definidas, talvez, este seja o principal motivo que faz com que esta modalidade

esteja sempre em permanente construção, podendo criar uma forma diferente perante o ensino regular, qual vivenciamos um modelo educacional decadente.

De um lado, há poucas pesquisas que trate sobre como se dá a aprendizagem do jovem e do adulto reingressante nos seus estudos. Algumas escolas da EJA ensinam seus alunos por meio de metodologias didático-pedagógicas utilizadas na escolarização de crianças, demonstrando a falta de conhecimento do pensamento cognitivo do jovem e do adulto e a falta de formação do educador da EJA. Por outro lado,

“estamos em um tempo novo, em que parece que se vai perfilando cada vez mais a educação de jovens e adultos. A EJA vai sendo assumida pelo próprio governo e pelo Ministério da Educação, por meio de políticas públicas. Isto nos aproxima, eu acredito, cada vez mais, de um perfil de educação de jovens e adultos mais definido, melhor caracterizado. Ao mesmo tempo, já podemos ir pensando numa representação para formação de educadores de jovens e adultos mais fechada, mais focada. O problema agora é acertamos com esse foco”. (ARROYO, p. 18)

A partir deste ano a EJA passa a ser caracterizada como Educação Básica gerida com os recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica - FUNDEB³. Possibilitando, desta forma, maiores investimentos na capacitação de educadores, no desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos, infra-estrutura e ampliação no número de matrículas.

1.2 DENTRO DA EJA: O CEJA

Na EJA, dos vários processos educativos envolvidos esta monografia trata do Ensino Modular presencial do Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA. É relevante registrar que no CEJA de Palhoça não encontramos informações sobre o projeto, sua implantação, direcionamento e histórico, limitando a pesquisa em informações adquiridas no decorrer desta monografia.

O Núcleo do CEJA da Palhoça é um projeto coordenado pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis e mantido pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. O curso é dividido em 04 (quatro) blocos, onde são lecionadas duas disciplinas num período de três meses. As aulas são presenciais, no período noturno, em escolas municipais e estaduais. Segue o formato modularizado, na qual o aluno adquire apostilas para

³ A educação básica - que compreende a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio em todas as suas modalidades - deverá contar com um fundo de financiamento próprio a partir da aprovação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb).

estudar fora de sala, retornando às segundas e terças feiras para esclarecer suas dúvidas. E, nas quartas e quintas-feiras aplicam-se provas; nas sextas-feiras o aluno tem livre para estudar.

No entanto este modelo, pela experiência vivenciada por nós, enquanto educadores do Núcleo do CEJA de Palhoça, não acontece. O aluno não estuda em casa por falta de tempo e ou geralmente só consegue adquirir os módulos no dia da explanação. Algumas vezes por falta de dinheiro e outras pelo atraso dos módulos na escola, provenientes do CEJA de Florianópolis, conseqüentemente o professor obriga-se a explicar todo o conteúdo, descaracterizando a proposta inicial do projeto.

O CEJA é uma instituição de ensino direcionada ao atendimento de jovem e adulto que desejam concluir os estudos no Ensino Médio. Tem como princípio considerar a história do educando como experiência acumulada de vida e espera que sua volta à escola seja uma oportunidade de inserir-se no meio letrado (PPP - Plano Político Pedagógico do CEJA de Florianópolis, 2004). O Plano Político Pedagógico do CEJA de Florianópolis (2004) se propõe a oferecer ao aluno egresso condições de desenvolvimento, respeitando sua fase etária, identidade cultural e comunitária.

Um fator importante a considerar é a média dos alunos do CEJA que deve ser igual ou superior a 8,0, conseqüentemente exige do aluno uma dedicação maior aos estudos. Outro fator relevante é a presença de Núcleos do CEJA na maioria dos bairros do município de Palhoça, facilitando o retorno e a permanência do aluno na escola por meio do acesso sem a utilização de transporte. Segundo dados do PNAD analisados pelo IBGE (Revista Aprende Brasil, Abril/Maio, 2007, p. 6) cerca de 10% dos jovens não frequenta a sala de aula por falta de transporte. Não gastar com transporte coletivo é um dos fatores essenciais para que estudantes retornem às salas de aula. A maioria dos educandos pesquisados do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Escola de Educação Básica Vicente Silveira, relatou que se não fosse à proximidade com a escola não estariam de volta ao ambiente educacional. Pois a maioria destes alunos é oriunda de situação econômica desfavorecida, trazendo à tona as arbitrariedades de uma sociedade desigual marcada pelo capitalismo exacerbado, a competição pelo mercado de trabalho e o surgimento de novas tecnologias.

Na última década houve um aumento significativo das matrículas na educação de adultos conforme relata Percival (2006), cujo índice de crescimento nos últimos anos tem sido entre 10% a 13%. Segundo Percival (2006) essa taxa de crescimento nas matrículas na EJA tem relação com a mudança do perfil do mercado de trabalho que acompanha o mundo

globalizado, interligado ao sistema econômico, onde o modelo de produção é primordial para o acúmulo de capital. O sistema produtivo leva à competitividade; o trabalhador precisa saber ler, escrever, solucionar problemas, ser criativo e dominar certas tecnologias para se destacar na vida profissional e social, assim sentir-se inserido nos padrões vigentes da produção e do consumo.

CAPÍTULO 2 – ENCONTRO DAS GERAÇÕES

Na escolarização de Jovens e Adultos, pela estrutura organizacional dessa modalidade de ensino, há um inevitável encontro de gerações que implica encarar os diferentes interesses, objetivos e ciclos de vida, que acumulam eventos históricos e experiências diversas; que vão desde os motivos que levaram os jovens e adultos a frequentar e/ou abandonar os estudos, até as motivações e necessidades que trazem os jovens e os adultos aos bancos escolares.

Léon (1977) afirma que “a tomada de consciência de certas exigências da vida profissional e a necessidade de assumir novos papéis familiares ou sociais podem produzir, em qualquer idade, motivações relativas à instrução e à cultura” (citado por WIENHAGE, 2000, p. 47) A instrução e a cultura podem levar a interação das diferentes gerações, onde, nas palavras de Ferrigno (2003, p.56):

A sociedade contemporânea é marcada por segregações de todo tipo: diferentes impedimentos a bens de direito fundamental, diferenças no acesso à educação, isolamento entre gerações e constrangimentos ao uso do espaço urbano, público ou privado. A ação cultural baseada na diversidade tem o poder de causar a interação. De aproximar e de promover a solidariedade entre as gerações e os demais grupos sociais.

No Brasil, uma grande parcela da sociedade está preocupada em sobreviver devido à falta de perspectivas; principalmente os jovens com idade entre 15 e 24 anos que não estudam e não trabalham. Conforme dados do IBGE (2006), dos 8,9 milhões de desempregados no país em 2005, 4,4 milhões tinham entre 15 e 24 anos. Neste contexto que a ação cultural, voltada para a educação, respeitando a diversidade faz aproximar as gerações, promovendo a troca de experiências e a busca por direitos de educação e trabalho.

Segundo Marta Kohl, a educação de jovens e adultos não está interligada somente a questão da faixa etária, mas também a uma questão de especificidade cultural. Desta forma, as reflexões e ações educativas não são direcionadas a qualquer jovem ou adulto, “mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea” (1999, p. 59) Portanto, trata-se de uma escolarização dirigida a um sujeito de educação básica incompleta ou não iniciada e que ingressa na escola na juventude ou na idade adulta.

Essa homogeneidade mencionada pela autora é representada pelos jovens e adultos desta pesquisa, quais são pertencentes de camadas populares que vivenciaram e vivenciam situações de exclusão, marginalização e opressão e buscam a escola como meio de recuperar o tempo perdido de escolarização, visando se inserir no mercado de trabalho; obter um melhor cargo na empresa onde trabalham; conseguir adquirir conhecimento e ou satisfação pessoal.

O salário dos trabalhadores de um modo geral é baixo, porém, mesmo com salários baixos, a massa dos trabalhadores comuns podem se incorporar, ainda mais ou menos precariamente, aos padrões de consumo através do retorno aos estudos. Conseguir um trabalho, ou simplesmente conquistar um cargo melhor é prioridade na vida daqueles que precisam juntar um dinheiro, comprar um terreno para sair do aluguel, ajudar em casa ou até mesmo daqueles que sentem necessidade de vestir-se melhor. O convívio escolar, a integração dentro da sala de aula, independente da idade, gênero ou etnia, terá um objetivo em comum: melhorar o padrão financeiro, cultural ou social daqueles que voltaram a estudar. Mas será que este convívio tão diversificado pode dar certo?

CAPÍTULO 3 – JOVEM E ADULTO NO AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

3.1 A(S) JUVENTUDE(S)

No artigo ‘*A invisibilidade da juventude na vida escolar*’, a autora Camacho (2004, p. 330) por meio dos estudiosos⁴ e de suas reflexões expõe que:

A idéia de jovem é construída social e culturalmente e, portanto, muda conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural. Não se pode conceber, pois, uma juventude, mas juventudes. As diferentes situações existenciais dos sujeitos permitem a construção de concepções diversificadas de jovem ou de juventude.

Camacho continua a discussão sobre juventude, colocando que a concepção de juventude tem oscilado entre duas tendências: a primeira diz respeito à juventude como um conjunto social, constituído de indivíduos pertencentes a uma específica fase da vida. Essa compreensão tem ênfase nos aspectos geracionais que homogeneíza. Na segunda concepção toma a juventude como um conjunto social diversificado, “que abrange diferentes culturas juvenis decorrentes de diferentes pertencimentos de classe, com diferentes parcelas de poder, com diferentes interesses ou diferentes situações econômicas.” (CAMACHO, 2004, p. 330) De acordo com as autoras Durand e Schmidt (2004, p. 291) esse segundo enfoque das diversidades culturais e pertencimentos sociais, mostram os jovens como sujeitos de direito, vivendo e constituindo-se “na contemporaneidade em complexos contextos sociais e educativos, construídos histórica e culturalmente, mediados por significações sociais de seu mundo.”

Sendo assim, Abad citado por Camacho (2004), relata que a condição juvenil, atualmente, é mais que uma questão biológica e etária, pois fatores como a moratória social estende o período da juventude, podendo-se afirmar que “a juventude se prolonga até depois dos 30 anos, o que significa que quase um terço de vida, e um terço da população tem o rótulo, impreciso e convencional como todos, mas simbolicamente muito poderoso.” Este estudioso, continua a autora (2004), ressalva a descontinuidade pela juventude no processo ordenado pelo

“ círculo família-escola-trabalho-emprego no mundo adulto, bem como a desinstitucionalização que lhe possibilita uma certa autonomia, a qual

⁴ SPOSITO, 1994; LEVI; SCHMITT, 1996; CAMACHO, 2000; SPOSITO; CARRANO, 2003

sugere experiências vitais precoces. O exercício da sexualidade, a maturidade mental e física e a emancipação nos aspectos afetivos e emocionais antecipados atrasam, por outro lado, a autonomia econômica.”

Reafirmando a abordagem de Abad, Atias-Donfut (1996), citado por Sposito (2000, p. 12) fala que o ingresso na vida adulta acontece de modo progressivo segundo etapas variáveis e “desreguladas” ou “desnormalizadas”. Segundo, o autor, “estariamos, assim, diante da “desinstitucionalização” do ciclo de vida ternário, centrado sobre o trabalho e da “descronologização” do percurso das idades que participa, assim, na reconstrução dos grupos sociais, com a entrada no mercado do trabalho dos velhos jovens e a saída dos jovens velhos (grifo do autor). Este fato, conforme Sposito (idem) leva ao alongamento da transição como resultado da modernidade, exigindo considerar a juventude como uma fase da vida “capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta”.

Por tanto essa fase prolongada, chamada de moratória social, no grupo estudado é na sua maioria forçada pela condição econômica não favorável; dos 38 alunos pesquisados na situação juvenil 17 estão desempregados, num percentual de 45%. Segundo Pais, citado por Silva (2004, p. 413) a condição de desemprego é uma realidade que afeta todas as classes sociais, sendo que em maior intensidade os jovens empobrecidos. Pais (1996) diz que a “conjuntura de desemprego e de precariedade de emprego entre os jovens e dadas também as transformações sócio-econômicas que se têm vindo a registrar, a reprodução social não parece efetuar-se de uma forma rigidamente linear”. (citado por Silva, 2004, p. 413). Significa, então, que a transição da idade jovem para a adulta deve ser entendida dentro de tais transformações, conclui a autora.

Também, deve-se considerar que desde muito tempo a cultura brasileira impõe ao jovem a responsabilidade de no presente construir seu futuro. E, conseqüentemente, esta forma de agir socialmente e politicamente não permite ao jovem viver de modo pleno sua condição juvenil. Ao negar o presente, a sociedade está impossibilitando ao jovem a condição de mudança, de luta de direitos e de construir suas biografias individuais no presente, nas palavras de Melucci:

nas sociedades pós-industriais, nas quais a mudança se torna condição cotidiana de existência, o presente assume um valor inestimável. A história, portanto, a possibilidade de mudança, não é orientada para fins últimos, mas por aquilo que ocorre já hoje. A cultura juvenil exige, então, da sociedade o valor do presente como única condição de mudança; exige que aquilo que vale se afirme no aqui e no agora; reivindica o direito à provisoriedade, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas. (2001, p. 105)

As orientações juvenis contemporâneas com sua nova forma de agir coletiva não estão ligadas a um partido político, é um movimento de natureza discursiva que interage localmente e globalmente por questões variadas anticapitalistas. Os jovens querem ser ouvidos, respeitados e tratados como sujeitos de direito, direito ao trabalho, ao lazer, à educação de qualidade, à busca de oportunidades culturais e sociais.

Por outro lado, o lugar do jovem na sociedade é impreciso, vive em conflito por estar longe da infância, mas também por não estar vinculado ao mundo completamente adulto, por isso é essencial procurar referenciais e desenvolver sua própria identidade na busca da libertação do seu próprio eu. O jovem procura experimentar coisas novas, que anteriormente lhe eram atribuídas como estranhas ou proibidas (SCHÜTZ, 2005). “Os jovens são mais receptivos à mudança social, embora não lhes possa ser atribuída a origem da mudança, de acordo com Bourdieu, os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro” (VIANNA, 1997, p. 182). Segundo Vianna as juventudes não se distinguem apenas pela contemporaneidade cronológica, mas por viver os mesmos acontecimentos e experiências

(...) o que cria entre seus membros laços de solidariedade, amizade e dependência. Essa vivência em comum gera uma forma comum de estratificação de consciência, e por isso os indivíduos de uma mesma geração se reconhecem dentro dos mesmos códigos e das mesmas práticas políticas, sociais e culturais. (1997, p. 184)

O empenho por uma identificação é algo que torna a juventude aparentemente mais forte, a busca por afinidades torna-se essencial como se fosse um elo assegurador de sua existência e proteção. Os jovens partilham sentimentos – sonhos, dúvidas, expectativas, formando um conjunto de usos comuns que permitem reconhecer-se no meio em que estão, entre suas experiências em comum. Esta procura por uma identidade, tão natural entre os jovens, cria uma sociabilidade coletiva, estabelecendo uma espécie de “aura” tribal vinculada ao reconhecimento do grupo ao qual pertencem. São criados laços de solidariedade a partir de pontos comuns, desta forma tecem estratégias de sobrevivência e mecanismos geradores de identidade grupal.

Por isso é tão comum ver nas salas de aula na Educação de Jovens e Adultos laços de amizades entre a(s) juventude(s) e o adulto. O relato de um aluno, de 18 anos, entrevistado durante essa pesquisa é muito interessante, este diz: “Gosto de fazer trabalho com a Vânia⁵

⁵ Os nomes apresentados são fictícios para preservar a identidade dos pesquisados.

(estudante de 44 anos), porque além dela estar sempre “ligada” ao que a professora explica, ela tem muito mais experiência do que eu e, é por isso que só faço trabalho com ela”. Vânia por sua vez responde:

“Voltei a estudar depois de muitos anos fora da sala de aula, esperei meus filhos crescerem e meu esposo se estabelecer financeiramente para que eu pudesse deixar de trabalhar fora e voltar a estudar. Hoje quando sento com colegas mais novos para fazer uma atividade sinto minha juventude voltar. O contato com essa “gurizada” mais nova me faz rejuvenescer. É uma espécie de terapia para mim que passou tantos anos se dedicando a casa, ao trabalho e aos filhos”.

Este relato apresentado por colegas de sala do Centro de Educação de Jovens e Adultos do município de Palhoça, é bastante comum entre os frequentadores do núcleo estudado. Essas pessoas que retornam ao estudo permitem-se a elaboração de uma finalidade em comum, servindo a um tipo de receptáculo à expressão “nós”.

De alguma forma essas juventudes estão formando uma sociabilidade coletiva, e a partir disso vão criando vínculos de afetividade e afinidade entre os demais membros do grupo. Souza (2003) no seu Trabalho de Conclusão de Curso observa que de um modo geral os jovens deflagram uma identidade catalisadora de sociabilidade, a partir deles são criados estilos, atitudes, modos de vestir, falar; são elos sociais de agrupamentos pelo simples fato de estarem juntos. O “estar-junto” está próximo da noção de “cuidado de si”, de compartilhamento de emoções, sentimentos e informações em comuns.

Apesar desse conjunto de usos comuns, Camacho (2004, p. 330) relata através das observações de Pais (1993) e Sposito (1994, 2003) que as literaturas se contradizem nos atributos conferidos aos jovens, atributos estes que algumas correntes de estudiosos caracterizam como negativos e outras como positivos:

Histórica e socialmente, a juventude vem sendo unicamente compreendida como uma fase de vida. Entretanto, verifica-se uma certa instabilidade nas correntes que ora conferem atributos positivos aos jovens como, por exemplo, a responsabilidade pelas mudanças sociais e ora destacam aspectos negativos ao considerá-los como “problemas”, como irresponsáveis ou desinteressados. E mais, ora são considerados como “problemas sociais” porque estão envolvidos em problemas de inserção profissional, em problemas de drogas, em problemas de violência, em problemas de delinquência, em problemas com a escola, em problemas com os pais, em problemas de gravidez precoce, dentre tantos outros reconhecidos socialmente como sendo juvenis.

No entanto, hoje, são os jovens que encabeçam ações para a busca de políticas públicas, devido a isso muitas vezes são rotulados como baderneiros, como uma geração em conflito, vistos pela sociedade e pela escola através de uma ótica negativa. Esses jovens são agentes de mudança e transformação, incomodam a quem está no poder ditando regras para manter a estrutura de lucratividade. Regras que são direcionadas à alienação do pensamento dos dominados, onde o pensar crítico não pode fazer parte de suas vidas porque incomoda, transforma e ameaça a manutenção do poder de “ter” e “ser” da sociedade neoliberal.

Se o pensar crítico ameaça o poder das classes dominantes, então é deste princípio que precisamos partir, portanto, a educação de jovens e adultos deve ser comprometida com o conhecimento e ser uma educação continuada.

3.2 O(S) ADULTO(S)

Palácios, citado por Oliveira (1999, p. 60), relata que a idade adulta tem sido tradicionalmente encarada como uma fase de vida de ausência de mudanças e um período de estabilidade, e não como uma fase de desenvolvimento humano. Ele enfatiza a relevância de considerar que as experiências, os fatores culturais, históricos e sociais contribuem para a aprendizagem e a construção de conhecimento na fase adulta, portanto este autor afirma em relação ao conhecimento intelectual do adulto que

“As pessoas humanas mantêm um bom nível de competência cognitiva até uma idade avançada (desde logo, acima dos 75 anos). Os psicólogos evolutivos estão, por outro lado, cada vez mais convencidos de que o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. Entre esses fatores podem se destacar, como muito importantes, o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa (sua motivação, seu bem-estar psicológico...). É esse conjunto de fatores e não sua idade cronológica *per se*, o que determina boa parte das probabilidades de êxito que as pessoas apresentam, ao enfrentar as diversas demandas de natureza cognitiva. (PALÁCIOS, 1995, citado por OLIVEIRA, 1999, p. 60)”

Embora as pesquisas referentes aos processos cognitivos na vida adulta serem limitadas, a autora identifica algumas características que diferenciam o adulto da condição do aprendiz não criança. O adulto faz parte da sociedade do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daquele da criança e do adolescente;

“traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação à inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa da vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (...) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem. (OLIVEIRA, 1999, p. 60)”

Esse modo diferenciado de inclusão no mundo do trabalho e das relações interpessoais define modos de relação com o mundo escolar e de perspectivas, critérios e estratégias de conhecimento, como também diferenciações consideráveis nas relações que sujeitos adultos, de um lado, e sujeitos jovens, de outro, estabelecem nas suas interações entre os pares e o conhecimento (FONSECA, 2002, p. 23).

Além das características mencionadas por Oliveira, pode-se dizer que o adulto dispõe de maior estabilidade econômica, social e profissional, desde que a etapa anterior lhe tenha sido favorável a isso. Em muitos casos, ele exerce função de liderança junto à comunidade e ao seu meio.

Em relação à idéia de tempo, o adulto se dá conta do caráter limitado do tempo e isso torna um motivo maior para que ele busque intensamente seu reconhecimento como pessoa útil e produtiva e a realização de suas metas, sejam elas pessoais ou profissionais, estabelecendo determinadas linhas de ação. É neste período, em geral, que a pessoa se volta para o passado, percebendo-o ampliando na medida em que o futuro diminui, e procura fazer uma avaliação crítica de sua vida, colocando em julgamento o seu significado, as ações realizadas, aquelas que parecem inexecutáveis e as experiências que possui. (MOSQUERA, 1978, citado por WIENHAGE, 2000, p. 58)

Não podemos deixar de mencionar nesta pesquisa a exclusão que a sociedade impõe àqueles que perderam sua escolarização, principalmente a adultos que tiveram infância pobre e distante da escola. Para alguns a residência era o maior obstáculo para iniciarem os estudos. Algumas das pessoas que recorrem a Educação de Jovens e Adultos nunca tiveram a oportunidade de frequentar as salas de aula na idade adequada. Aos que não tiveram o direito a escolarização na infância seu sonho de ser “alguém na vida” (citação de uma estudante que foi alfabetizada na EJA e que agora frequenta o CEJA) se tornava cada vez mais distante.

Marília, a estudante citada no parágrafo anterior, relata que sua vida foi seguida por tragédias, perdeu vários empregos por não saber ler e escrever:

“Eu trabalhava como empregada doméstica e perdia o emprego por não ter estudo. Imagina professora! Eu não conseguia anotar nem os recados do telefone que eram pra patroa. Preencher fichas de emprego então nem se fala, pedia ajuda as pessoas, mas nem sempre elas podiam ajudar. Foi ficando cada vez mais difícil pra mim. Casei e me mudei aqui para a cidade com meu marido e filho, estava cansada dessa situação e quando apareceu a oportunidade de me alfabetizar, aqui mesmo perto de casa, abracei essa oportunidade, não quero mais ser humilhada, já perdi muitas chances na vida”.

A mesma aluna relata que voltar a estudar é uma experiência difícil: “de início me achava fraca das idéias, não conseguia aprender nada, mas pensava: quero estudar para conseguir um emprego decente. Meus amigos de sala me ajudaram muito, principalmente a não desistir”.

O ideal comunitário existente na educação de jovens e adultos faz menção a sobrevivência do grupo. A formação educacional está em primeiro plano entre os estudantes, a união da sala aparece como um mecanismo gerador de impulsos para que o outro tenha vontade de continuar, não desistir. Enquanto professores da EJA vemos constantemente alunos que desistem, mas que acabam retornando por insistência dos colegas que buscam reagregar o colega que opta pela desistência. Esse é o caso da aluna citada acima, Cristina, que contou que desistiu uma vez, mas os próprios colegas de sala pediram ao professor que telefonasse para sua casa e pedisse a sua volta. “Se não fosse meus colegas e o professor da alfabetização me chamarem eu teria desistido mesmo”. Marília, que só começou a estudar a poucos anos atrás hoje tem 32 anos de idade e trabalha atualmente numa malharia.

Histórias como a de Marília são poucas em nossa pesquisa, pois a grande maioria dos freqüentadores considerados adultos no núcleo pesquisado voltou aos bancos escolares por outros motivos, na maioria das vezes o retorno se dá por exigência do mercado de trabalho ou por necessidade de se incluir na sociedade. Como é o caso de Francisca que relata a necessidade de voltar aos bancos escolares por sentir-se excluída na Igreja que freqüenta, “tenho vergonha de ler, sei que a maioria dos freqüentadores da minha paróquia tem 2º grau completo e, eu ali, só com a 8ª série. Na verdade eu mesmo me excluía tinha vergonha dos demais, me achava muito inferior.”

Já Daniel, 45 anos, é funcionário da prefeitura, possui carro popular, tem uma casa confortável, acessa a internet freqüentemente, mas não possui o Ensino Médio, voltou a estudar por necessidade de seu emprego, segundo relata “voltei por que quero me aposentar com um salário melhor”. Quando questionado sobre como é sua relação com o restante da turma, já que ele é considerado pelos demais como sendo o mais velho da sala, Daniel diz: “tô gostando dessa garotada, claro que não voltei a estudar por prazer, vim por necessidade, mas o convívio com o pessoal mais novo me faz bem, eles estão mais “frescos”, com idéias novas, estão mais por dentro das novidades. Imagine graças a eles já aprendi até a ter *Orkut*.⁶”

Daniel ri ao falar que aprendeu com os mais jovens as “novidades” do mundo virtual, mas não podemos negar que Daniel incorporou a juventude dos demais colegas de sala em sua vida. Libertou-se do seu mundo família-trabalho e jogou-se no tempo presente, praticou um “ritual” de agregação através do exercício da coletividade que está vivendo com as diferentes *juventudes* que freqüentam o mesmo ambiente que ele. Para as diferentes gerações que

⁶ Site de relacionamento na Internet.

freqüenta a escola na verdade trata-se de um espaço público que conjuga uma certa funcionalidade com uma inegável carga simbólica. Inscrevendo-se profundamente no imaginário coletivo, ele é, entretanto, constituído pelo entrecruzamento de situações de momentos, de espaços e de gente comum (...) (MAFESOLI, 1995, p. 34)

A escola está sendo para os pares um novo horizonte de oportunidades e experiências que eram desconhecidas, tanto para os jovens quanto para os adultos. É comum entre os jovens desconfiarem dos adultos, como diz a música de Geraldo Vandré “não confie em ninguém com mais de trinta anos e nem com mais de 30 cruzeiros”. Este verso contradiz a experiência vivida pelos jovens entrevistados. Os adultos, por sua vez, não confiam nos jovens por acharem que estes estão num processo de transição, são sucessíveis a influências externas. Entretanto, em ambos os exemplos quebraram-se o pré-conceito entre as gerações a partir do momento que as mesmas começaram a conviver e fazer suas trocas de vivências, uma ajudando a outra. A vivência cotidiana rompeu barreiras, levando-as a ajuda mútua e assim o crescimento interpessoal, o respeito pelo “diferente” e o desenvolvimento do conhecimento.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A seguir apresentaremos os dados da pesquisa realizada no Núcleo da Escola de Educação Básica Vicente Silveira, localizado no bairro Passa Vinte, do município de Palhoça – SC; coordenado pelo Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA de Florianópolis e mantido pela Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia.

A pesquisa foi aplicada no período de 10 de novembro a 02 de dezembro do ano de 2006, com 68 (sessenta e oito) alunos do Ensino Médio, do período noturno. Sendo que 44 (quarenta e quatro) alunos responderam o questionário, correspondentes a 64% (sessenta e quatro por cento) dos entrevistados. Visando facilitar a compreensão dos dados com o objeto do estudo analisamos o questionário de acordo com a condição juvenil e adulta.

No decorrer da análise dos gráficos foi necessário retornar à Escola objetivando ouvir alguns alunos que participaram do questionário. Desta forma conseguimos compreender processos relacionados a interação entre seus pares.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

4.1.1 Constituição do Grupo pesquisado

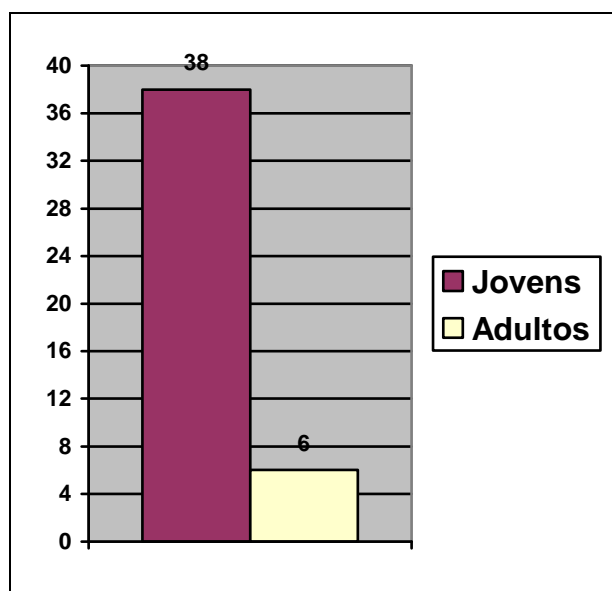


Gráfico 1: Constituição do Grupo pesquisado

Os jovens constituem o maior grupo no ambiente escolar do núcleo pesquisado, sendo 38 alunos na condição juvenil e 06 adultos.

Referimos a condição juvenil porque não existe somente uma juventude, mas sim *juventudes*, pois, segundo Dayrell (2005, p. 55) há uma diversidade no modo de ser jovens decorrentes de condições sociais, períodos históricos, de relações étnicas, de gênero, de hábitos culturais, de pertencimento de tipos de vida no campo ou na cidade, entre outros aspectos.

Assim sendo, na sociedade deparamos com classes sociais onde há uma divisão de ‘poder’. Os mais favorecidos conseguem prolongar a condição juvenil, vivê-la mais intensamente, beneficiando-se com oportunidades culturais, de lazer e de troca de experiências vivenciadas em consequência de seu poder aquisitivo. Para as classes empobrecidas resta um sistema assistencialista mal estruturado, permanecendo um vazio cultural, social e educacional.

Nossos sujeitos pesquisados fazem parte de classes empobrecidas da sociedade revelando que alguns iniciam sua juventude mais cedo e outros mais tarde, ou seja, no primeiro caso, a antecipação da transição de idade de criança para a condição juvenil se dá quando começam as responsabilidades caracterizadoras da vida adulta; no segundo caso, a condição social não os oferece oportunidades para se tornarem empregáveis, prorrogando a fase juvenil, constituindo-se um período de latência.

Para se tornar viável a análise de dados foi necessária uma delimitação de uma idade transitória entre a condição juvenil e a fase adulta. Para isto, tomamos como parâmetro os estudos do pesquisador Abad (2003, p. 24), o qual diz que “a juventude se prolonga até depois dos 30 anos”. Em nossa pesquisa ao analisarmos os dados essa passagem ficou caracterizada até os 33 anos. Após esta idade começa então a fase adulta, porém, salientamos que essa delimitação é uma mera quantificação dos dados, considerando a abordagem de muitos autores como Camacho (2004), Dayrell (2005), Spósito (2000), afirmam que não há uma faixa etária estabelecida para afirmar se este ou aquele pertence a um ciclo de vida, e sim, as situações sociais e histórico-culturais específicas em que o sujeito está inserido é que vão determinar sua condição de jovem e ou adulto na sociedade.

4.1.2 NATURALIDADE

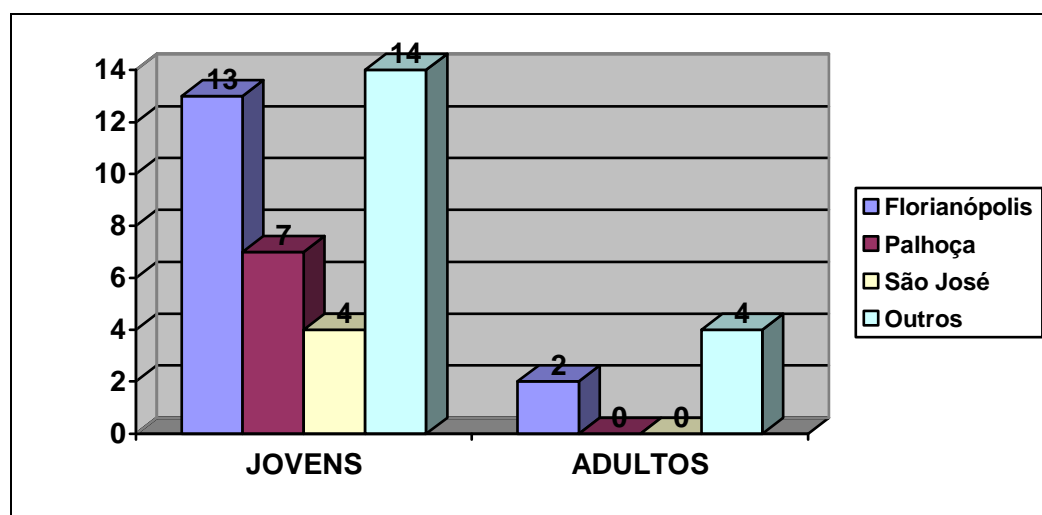


Gráfico 2: Naturalidade dos Entrevistados

A maioria dos entrevistados é oriunda de outros municípios. Deve-se considerar o registro de nascimentos em maternidades e hospitais de Florianópolis e São José que exercem

influência geoeconômica sobre o município de Palhoça; entretanto pode-se pensar no fator migratório como uma hipótese dos alunos ingressarem tardiamente na Educação de Jovens e Adultos, conforme o expressivo número de entrevistados que vieram de outros municípios.

Na fala de Marta Kohl (1999, p. 59), geralmente, pessoas vindas da área rural chegam as grandes cidades praticamente sem escolarização. Elas têm uma rápida passagem no processo de ensino e, por isso, ocupam trabalhos de baixa qualificação no meio urbano, trazendo à tona um *déficit* de aprendizagem na sua infância e adolescência que os fazem buscar a escolarização na Educação de Jovens e Adultos.

Podemos fazer um paralelo com o que diz a autora em relação à migração de nossos alunos, em que eles, na sua grande maioria, migraram de cidades afastadas dos centros urbanos, dos quais aparecem no questionário: Caçador, Campos Novos, Concórdia, Imaruí, Imbituba, Lages, Lagoa Vermelha (RS) e Urubici. Os sujeitos, em sua grande parcela, são filhos de agricultores com curta passagem pelo sistema de ensino.

4.1.3 ESTADO CIVIL

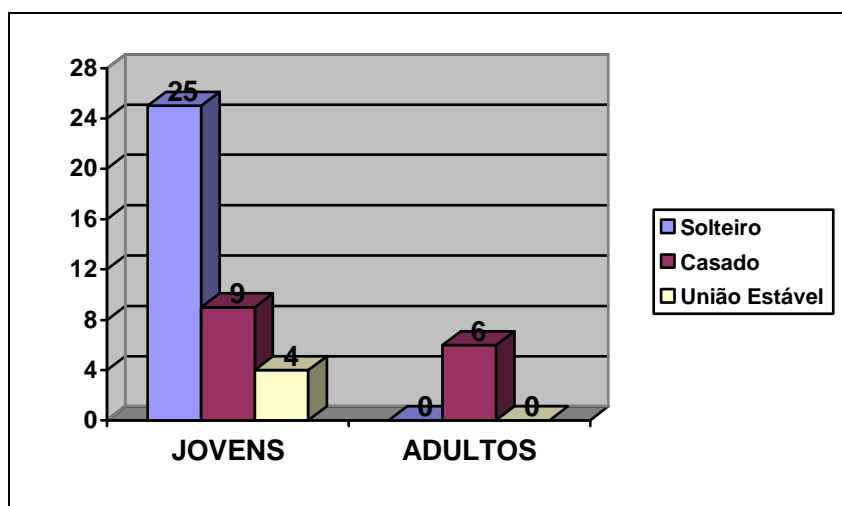


Gráfico 3: Estado Civil dos Entrevistados

Dos jovens pesquisados 25 são solteiros, 09 são casados e 04 vivem em união estável. Entre os adultos constata-se que todos são casados (06).

Neste gráfico podemos fazer uma discussão co-relacionando com os gráficos 3.1.1 (Constituição do Grupo pesquisado), 3.1.4 (Filhos) e 3.1.6 (Profissão) através dos estudos de Galland. Este pesquisador citado por Sposito (2000, p. 11) atribui a mudança de condição juvenil para a fase adulta na passagem de três etapas, que são delimitadas pela saída da

família de origem, pelo começo da vida profissional, pela constituição de um casal. No entanto, as transformações observadas na vida dos alunos mostram formas diferenciais de inserção no mercado de trabalho, mas nem por isso podemos nos remeter a formação de um casal ou a partida da casa paterna, além disso, a vivência sexual pertencente à fase adulta já na puberdade, dissocia-se das funções reprodutivas e familiares.

Em outras palavras, os nossos jovens brasileiros estão se inserindo no mercado de trabalho cada vez mais cedo, mas isso não quer dizer que seguirá as etapas de deixar a casa dos pais e formar uma nova família. Por isso é importante ressaltar as várias juventudes existentes, juventudes inseridas no mundo do trabalho, juventudes que não vivem mais na casa de seus pais, juventudes com filhos, entre outras condições, que não nos permite qualificar-lhes como adultos.

Portanto, torna-se importante perceber que as etapas defendidas pelo autor são colocadas em questionamento em relação à validade dentro da multiplicidade e a desconexão das diferentes etapas da passagem da condição juvenil para a adulta, vivenciadas neste mundo contemporâneo.

4.1.4 FILHOS

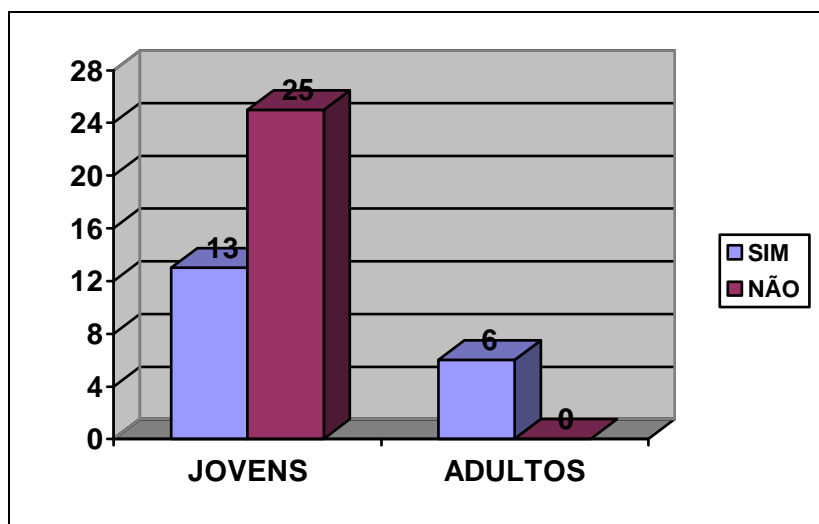


Gráfico 4: Entrevistados que têm filhos

Entre os jovens entrevistados 13 têm filhos. Já, os adultos (06) todos têm filhos.

4.1.5 IDADE E NÚMERO DE FILHOS

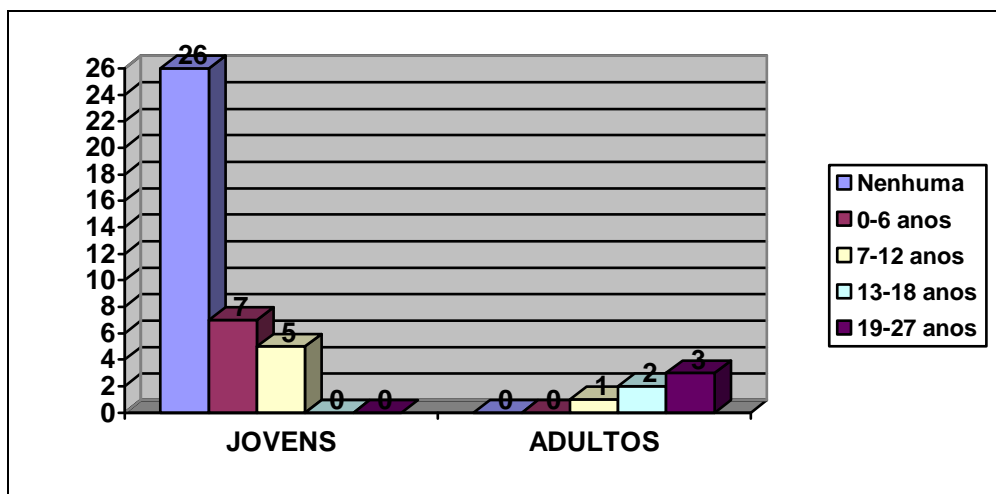


Gráfico 5: Idade dos filhos dos Entrevistados

Dos jovens entrevistados que têm filhos, estes estão entre 0 a 14 anos de idade. Enquanto os adultos têm filhos entre 07 a 27 anos.

Pode-se concluir que os adultos, primeiro esperaram seus filhos alcançarem certa independência - maternal e ou paternal -, para depois continuarem seus estudos.

4.1.6 PROFISSÃO

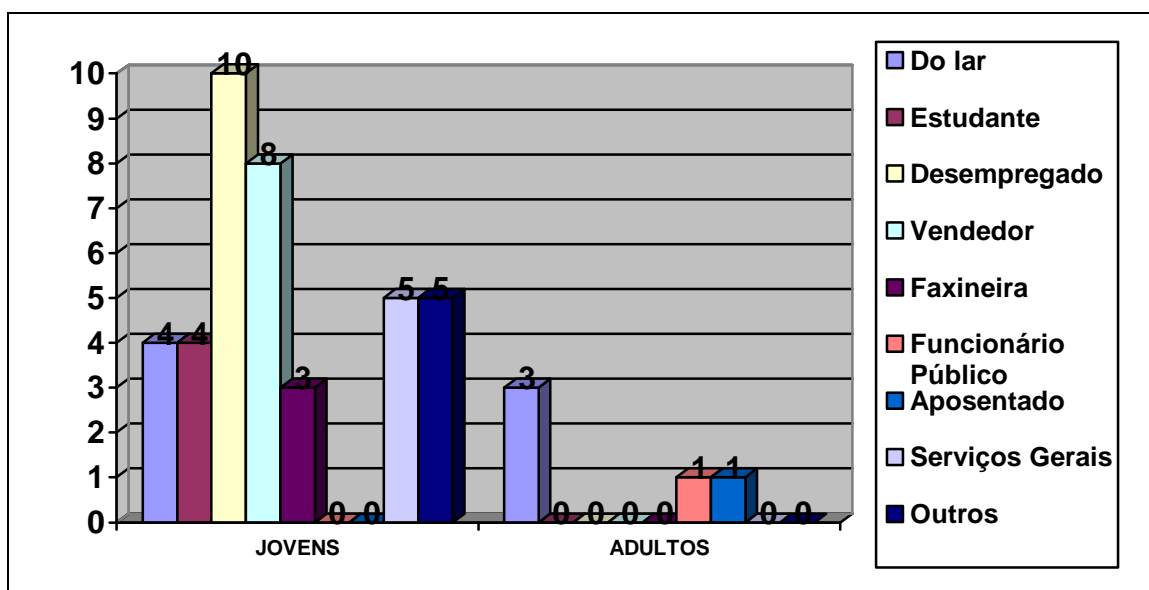


Gráfico 6: Profissões dos Entrevistados

A profissão destaque desta figura foi a de vendedor e, somente, esta se apresentou na faixa etária dos jovens. Confirma-se que o mercado de trabalho prioriza a imagem das ‘juventudes’ para gerar o consumo. Na fase de idade dos adultos somente 02 estão inseridos no mercado de trabalho.

De maneira geral, pode-se afirmar que no Centro de Educação de Jovens e Adultos pesquisados há um elevado número de pessoas desempregadas, buscando uma oportunidade no mundo do trabalho. Segundo Percival, por essa razão reforça-se a necessidade de buscar a ‘escolarização perdida’, visando acompanhar as tecnologias e o mundo globalizado da era do conhecimento do qual vivenciam, pertencentes ao sistema capitalista.

Nas palavras de uma estudante do Núcleo pesquisado ela nos remete a esta questão: “estou aqui para aprender porque quero conseguir um trabalho... lá fora está difícil eles exigem uma série de cursos de você e, até mesmo para serviços gerais.”

4.1.7 RESIDÊNCIA

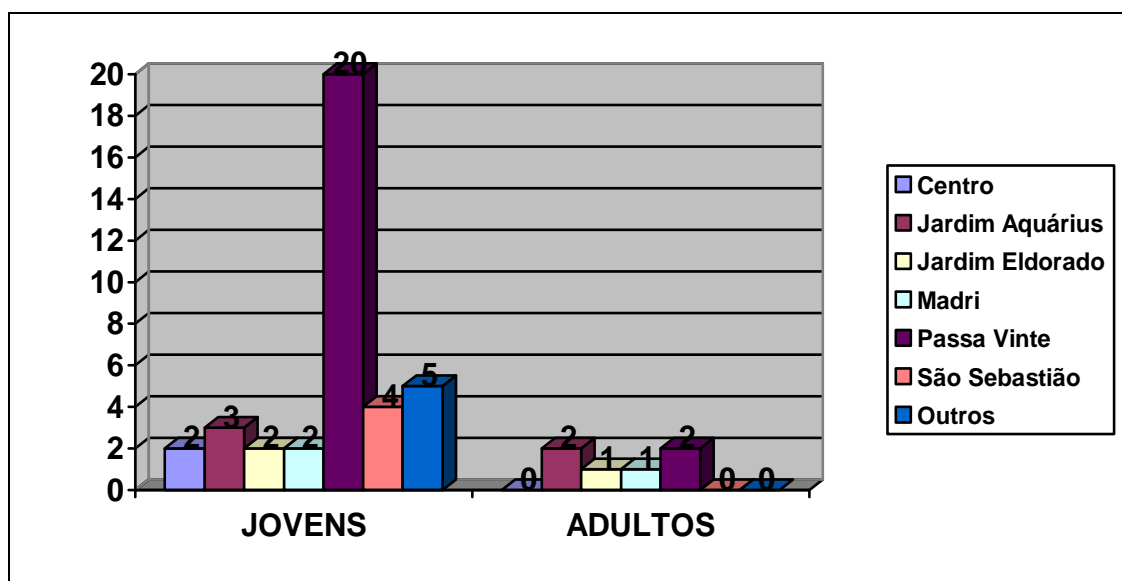


Gráfico 7: Bairro em que residem os Entrevistados

A relevância de morar no bairro onde estudam é significativa para as gerações pesquisadas. Sendo que 55% dos entrevistados (entre jovens e adultos) residem no bairro em que estudam.

Isto mostra a facilidade de locomoção até a escola, não precisando de nenhum meio de transporte. Aos desempregados é um fator determinante para retornar e prosseguir seus estudos.

Outros bairros, como Jardim Aquários, Centro de Palhoça, Madri e São Sebastião são possíveis o acesso à escola sem utilizar transporte.

Muitos dos entrevistados relataram que se dependesse de transporte para chegar à escola, pela condição de desempregados, “não poderiam cursar o Ensino Médio, até poderiam tentar, mas as chances de desistência seriam enormes”.

Entre os entrevistados destaca-se a fala de um aluno que afirma a importância da escola está perto de sua residência, visto que há a possibilidade de passar em casa antes de ir para escola, desta forma podendo se alimentar e se preparar adequadamente (“tomar banho, pegar o material e trocar o uniforme do trabalho”)

4.1.8 ENSINO FUNDAMENTAL – ESCOLA

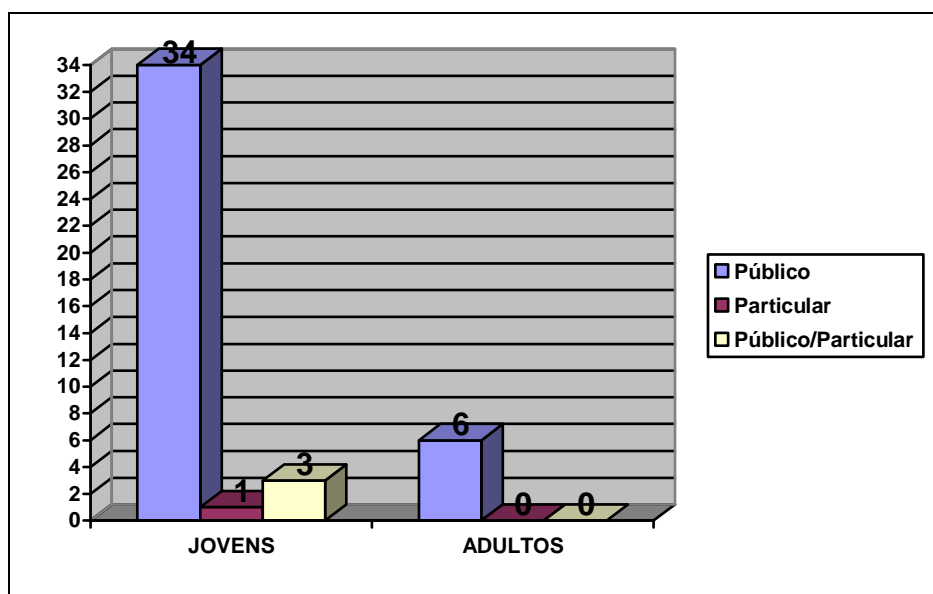


Gráfico 8: Ingresso no Ensino Fundamental

Formulada com o intuito de saber a procedência financeira dos entrevistados, o gráfico 8 revela que através do ingresso da maioria dos alunos no Ensino Fundamental em escolas públicas, pode-se considerar que os educandos pertençam a uma classe social menos favorecida.

É provável que uma grande parcela dos alunos deixou de dar continuidade à escolarização por falta de recursos, sendo que, hoje retorna à escola no propósito de melhorar sua qualidade de vida, tanto na intenção educacional quanto econômica. Para Laffin (2006, p. 1), os homens e mulheres que freqüentam a educação de jovens e adultos são em sua maioria provenientes de camadas populares que tem histórias de vida associadas às desigualdades sociais perante o mundo e a escola. Esses alunos precisam de compreensão enquanto sujeitos para se sentirem inseridos como verdadeiros cidadãos por direito.

4.1.9 ENSINO FUNDAMENTAL – MODALIDADE

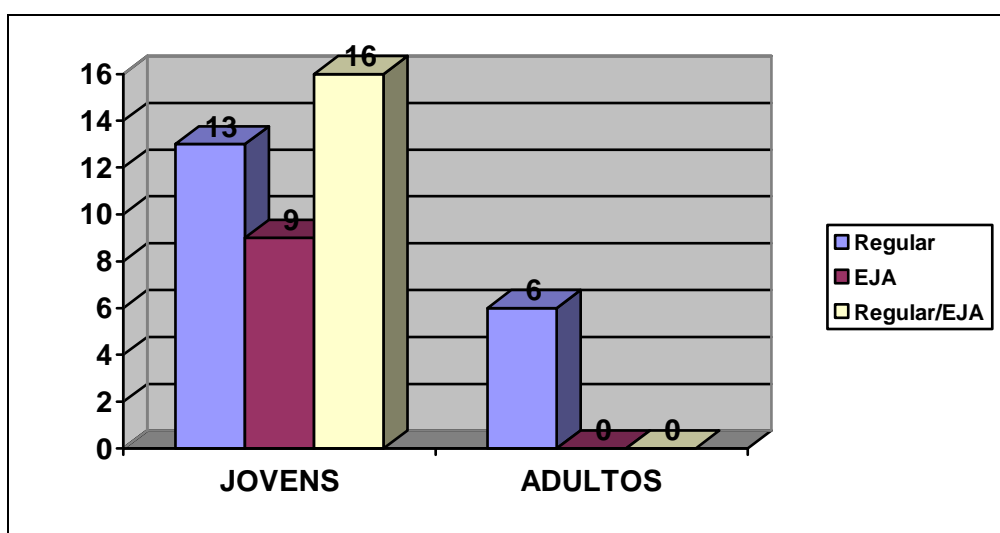


Gráfico 9: Modalidade de ingresso no Ensino Fundamental

Os 06 adultos cursaram o Ensino Fundamental no Ensino Regular. Os 25 jovens, entre eles, 13 alunos cursaram o Ensino Regular, 16 alunos ficaram um tempo no Ensino Regular e depois continuaram na Educação de Jovens e Adultos e 08 educandos fizeram todo o Ensino Fundamental na modalidade EJA.

Este gráfico leva a pensar que a Escola Regular pode ter encaminhado seu aluno ‘problema’ adolescente para a EJA. O aluno considerado problema geralmente apresenta como característica a apatia, a revolta, a desesperança, a vulnerabilidade à influência por más companhias, o desinteresse pelo conhecimento. Esses jovens demonstram-se sem objetivos ou projetos de vida que justifiquem sua presença no meio escolar. A baixa auto-estima, a rejeição e o baixo rendimento escolar, são marcantes quando os mesmos estão inseridos no ensino regular, pois sofrem preconceitos e todos os tipos de rejeição, até mesmo de seus próprios

professores. O encaminhamento à EJA ao considerado “aluno problema”, pode ser a solução para que o mesmo venha a protagonizar novas atitudes, confraternizando-se com demais jovens que vivem a mesma situação. (LAFFIN, 2006, p. 6)

Desta forma, o ensino regular livra-se do ‘diferente’, do não aceitado, do não compreendido. Assim, a EJA é vista como uma saída para os casos que não se adequaram ao Ensino Regular, onde este legitima os princípios capitalistas de classificação social, excluindo os que não estão sincronizados com o modelo positivista.

4.1.10 INGRESSOU NO ENSINO MÉDIO REGULAR

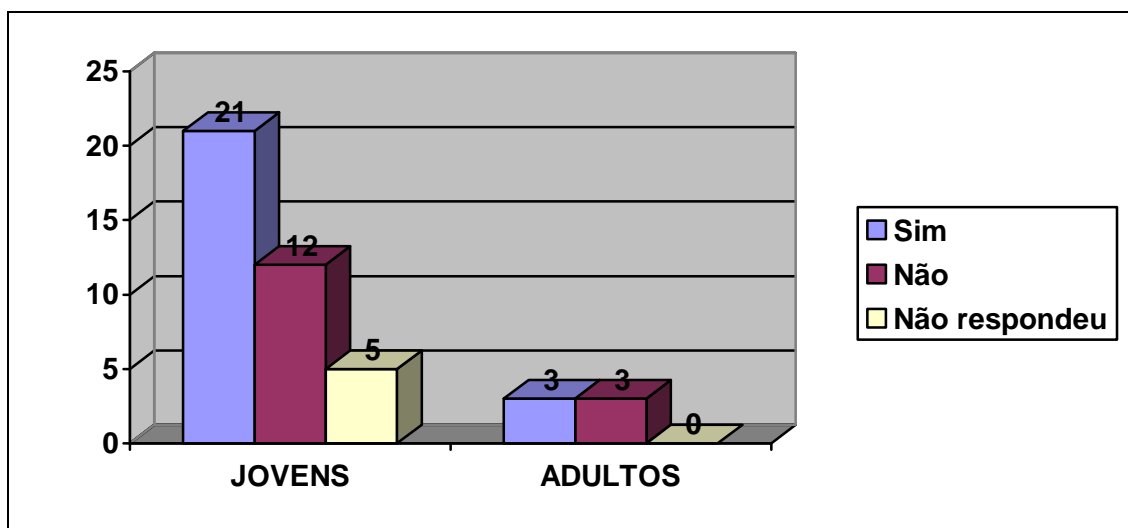


Gráfico 10: Ingresso no Ensino Médio Regular

Entre os jovens, 21 alunos fizeram uma parte de sua escolarização no Ensino Médio Regular, 12 na EJA e 05 não responderam. Já, os adultos ficaram distribuídos da seguinte maneira: 03 educandos ingressaram no Ensino Médio Regular e 03 na EJA.

Levando em consideração, o período histórico vivenciado por estes alunos, percebe-se que os jovens ingressaram no Ensino Regular e depois pararam de estudar conforme o gráfico a seguir, por motivos diferentes dos adultos. Os jovens, na sua maioria, nasceram na década de 80, cuja realidade político-econômica é bastante distinta dos adultos que vivenciaram sua fase escolar na década de 70, onde os conflitos sociais eram outros.

Os adultos presenciaram a censura, reprimindo a sua opção política, a liberdade sexual e ao acesso às informações, implicando na revolta contra o governo e suas instituições, responsáveis pela inflação e consequentemente o empobrecimento da população. Enquanto

isso, os jovens de hoje não convivem com a inflação, nem a censura e a falta de informação, o sujeito que mais limita sua liberdade são os pais e os professores, cuja atitude resulta na busca de sua independência financeira (alguns constituem novas famílias) e ou na evasão escolar.

4.1.11 OPÇÃO PELA EJA

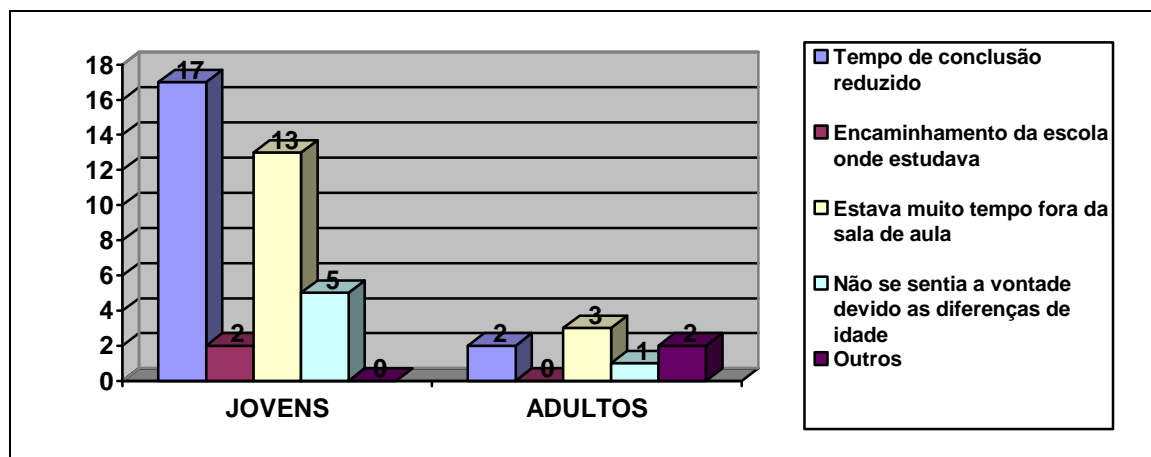


Gráfico 11: Opção pela modalidade EJA

Entre os jovens, o tempo reduzido de conclusão do Ensino Médio foi o fator atrativo para a entrada na EJA, seguido pelo tempo fora dos bancos escolares.

Para os adultos os fatores determinantes pela opção de ingressar na EJA, não se difere tanto assim dos jovens, quais foram estarem muito tempo fora da sala de aula e consequentemente poderem ter um tempo de conclusão reduzida. Evidentemente que o tempo fora da escola dos adultos em relação aos jovens é maior.

A jovem estudante Juliana relata que a escola não a atraía, por isso optou pela EJA pelo fato de concluir o Ensino Médio no período de um ano e meio.

O entrevistado Pedro (adulto) afirma a opção pela EJA por se sentir melhor integrado no meio de alunos que retornam iguais a ele, tardiamente à escola.

Diante da necessidade de garantir uma escolaridade básica que facilite a empregabilidade ou promoção nesta, jovens e adultos anseiam por um período curto de formação, pois na sua relação espaço-tempo os estudos tornam-se um fardo a mais entre sua rotina, dividida com trabalho, família, lazer e descanso.

4.1.12 VOLTOU A ESTUDAR

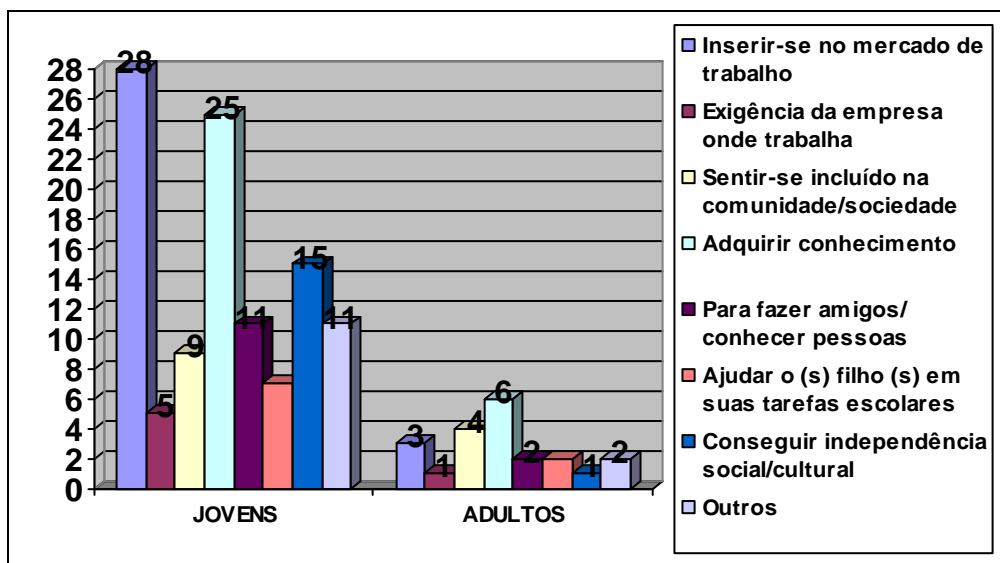


Gráfico 12: Objetivo motivador ao retorno à escola

Os jovens marcaram como principais motivos para o retorno à escola: inserir-se no mercado de trabalho; adquirir conhecimento; estudar com a intenção de integração, ou seja, fazer amigos e conhecer pessoas e visando a independência sócio-cultural.

Os motivos relevantes para os adultos o retorno à escola foram a aquisição de conhecimento, abrir-se para novas interações e a inclusão na comunidade/sociedade.

4.1.13 IDADE DOS COLEGAS DE TURMA

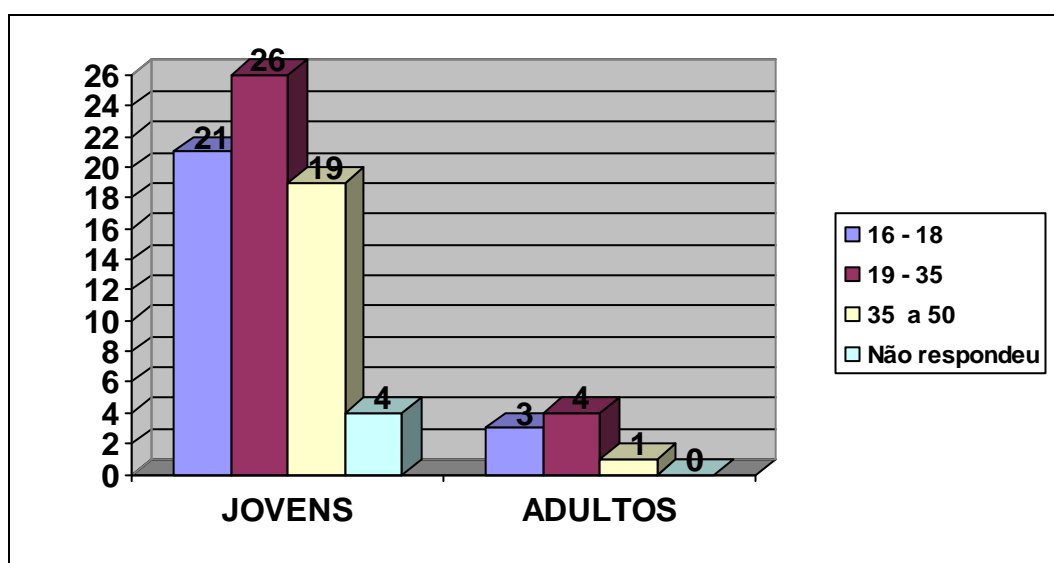


Gráfico 13: Idade dos Colegas de Turma

Entre os jovens há uma boa integração em todas as idades. Da mesma forma acontece com os adultos. O espaço escolar traz a possibilidade das interações sociais múltiplas.

O aprendizado das relações entre os sexos, idades e o desenvolvimento das amizades propiciam ricas experiências de sociabilidades. É uma saída do mundo privado para o mundo social. Cultivar amigos, ter novos colegas, ter a capacidade de dialogar sobre vários assuntos e estabelecer boas relações constroem territórios em que se permitem conhecer o outro. (SPOSITO & GALVÃO, 2004, p. 372-373)

Essa interação constitui um importante espaço, onde as práticas e experiências de vidas coletivas contribuem para o amadurecimento e valorização do tempo presente.

Apesar de verificar uma grande interação, pode-se notar que os adultos preferem interagir com aqueles que estão na condição juvenil. Como relato de adultos, o relacionamento com pessoas mais jovens traz mais dinamismo e entusiasmo para estudar e trocar novas experiências, haja vista que os jovens estão com conteúdo didático mais atualizado e os mais velhos com mais experiência de vida.

4.1.14 OS TRABALHOS/PROVAS/ATIVIDADES SÃO REALIZADOS COM COLEGAS PERTENCENTES À IDADE

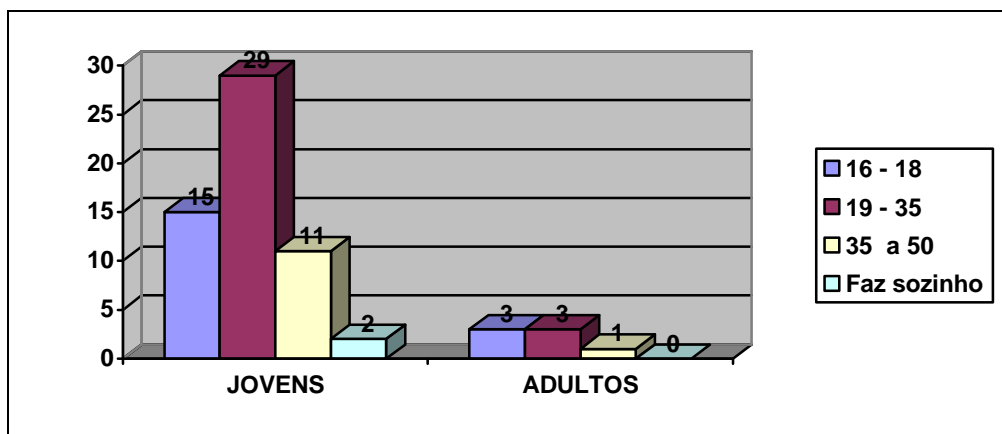


Gráfico 14: Preferência na idade dos colegas nas atividades coletivas

Quando as avaliações são realizadas em grupo, ambos preferem fazer na companhia dos jovens.

No entanto, levando em consideração que os jovens são a maioria do grupo em sala de aula, o resultado pode estar interferindo na pesquisa.

4.1.15 PERCEPÇÃO DE ÊXITO NA APRENDIZAGEM ENTRE AS GERAÇÕES

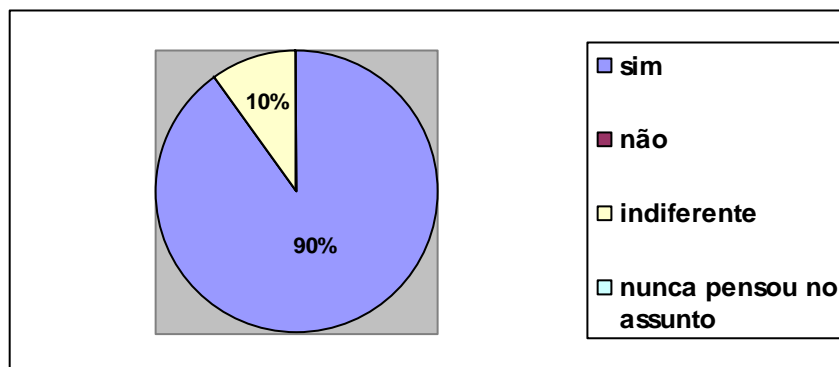


Gráfico 15: Percepção de êxito na aprendizagem entre as gerações

Cerca de 90% dos alunos entrevistados afirmaram que a diferença de idades referentes aos alunos que compõe a turma contribui positivamente na aprendizagem, enquanto que apenas 10% responderam ser indiferentes quanto ao assunto.

Questionados também sobre o motivo da afirmação, os mais jovens relatam a experiência, a responsabilidade, a criticidade e o interesse em adquirir conhecimento como os principais atributos dos adultos ao êxito na aprendizagem. Entretanto, os adultos atribuem aos mais jovens a facilidade de compreender os conteúdos, devido o maior tempo de escolaridade e conseqüentemente o menor tempo de afastamento da escola.

Quanto aos que disseram ser indiferentes ao assunto, justificaram que a diferença na idade não ajuda muito menos atrapalha na aprendizagem, pois o que importa é o interesse de cada um em aprender e obter o diploma.

Portanto, o gráfico comprova que a interação entre alunos de diferentes idades num mesmo espaço escolar, contribui significativamente para o êxito na aprendizagem destes devido às trocas de experiências, a motivação irradiada dos adultos, a flexibilidade e o conteúdo didático recente dos mais jovens.

4.1.16 PERCEPÇÃO DE INTERFERÊNCIA NA PARTICIPAÇÃO DAS AULAS ENTRE JOVENS E ADULTOS

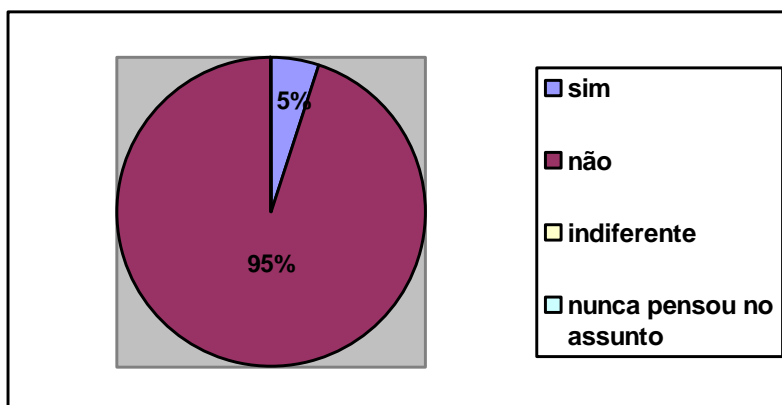


Gráfico 16: Percepção de interferência na participação das aulas entre jovens e adultos

Cerca de 95% dos alunos entrevistados afirmaram que a diferença de idades referentes aos alunos que compõe a turma não prejudica sua participação nas aulas, enquanto que apenas 5% responderam o contrário. E, os demais 5% não responderam a pergunta.

Questionados também sobre o motivo da afirmação, houve consenso nas respostas entre jovens e adultos em afirmar que o interesse em aprender é mais importante e que não deixariam de esclarecer uma dúvida por vergonha dos colegas.

Quanto aos que afirmam ser prejudicados na participação das aulas devido à diferença de idades dos colegas argumentaram que os mais novos são irresponsáveis e atrapalham a aula, inibindo-os na sala.

Enfim, o gráfico mostra que a pluralidade etária contribui na integração da turma. Assim, a participação de cada um nas atividades de ensino-aprendizagem é essencial para alcançar o êxito escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados, nesta monografia, apontam que o convívio entre gerações contribui significativamente para o ensino-aprendizagem no mesmo ambiente escolar, propiciando sentimentos de coletividade e de colaboração. Levando em consideração que esta discussão é polêmica, já que a maioria dos estudiosos em EJA afirma o contrário dos dados que refletem este estudo, ou seja, muitos autores da EJA defendem sendo necessário separar jovens e adultos para alcançar o êxito na aprendizagem.

Discutimos o assunto juventude(s) e o adulto como sujeitos de interações em um mesmo ambiente, a sala de aula. Espaço onde oportuniza diálogos em que a hierarquia entre educadores e educandos torna-se, hoje, mais flexível, conseqüentemente os pares sentem-se a vontade para expressar suas opiniões. A elasticidade e a tolerância na escola implicam novas formas de encarar a interação numa construção de conhecimento em conjunto. “No qual emergem falas, movimentos, rebeldia, oposição, inquietações e busca de respostas por parte dos alunos e dos professores” (CAMACHO, 2001, p. 7).

O tema gerações é um desafio, primeiramente porque em relação à juventude não podemos classificá-la como algo único e imutável. A palavra jovem poderia ser utilizada como sinônimo de diversidade, pois conforme os autores estudados neste trabalho, tais como Sposito (2000), Camacho (2003), Dayrell (2003, 2005), Abad (2003), entre outros estudiosos, afirmam que temos uma multiplicidade de tipos de juventudes, quais são caracterizadas por meio de sua condição de pertencimento de classe social ou grupal, de meio cultural e momento histórico. Ser jovem é estar em constante transformação com outros e consigo mesmo; é desenvolver um determinado estilo. O empenho por uma identificação fortalece a juventude, sentimentos são compartilhados, assim como, também os sonhos, as dúvidas e as expectativas, criando um conjunto de usos comuns que permitem identificá-los no grupo.

Outro aspecto identificador nesta pesquisa é que a juventude não pode ser delimitada somente pela idade do indivíduo, mas pelo seu comportamento. Há pessoas de 30 anos que ainda convivem e dependem financeiramente dos pais, são enquadradas como jovens. Enquanto outras com a mesma idade estão vivendo num processo inverso, com responsabilidades familiares e profissionais; essas já não são mais classificadas como jovens

por estarem num estágio mais evolutivo de sua vida, por isso podemos considerá-las pertencentes a fase adulta.

A(s) juventude(s) forma uma sociabilidade coletiva, e a partir daí cria vínculos afetivos e de cumplicidade entre os colegas de turma. Segundo Souza (2003) o “estar-junto”, está próximo da noção de “cuidado de si”, de compartilhamento de emoções, sentimentos, informações e de crescimento pessoal.

Neste conjunto de sociabilidades o adulto tem mais vivências que contribuem para a interação com os demais colegas através da experiência no campo profissional, familiar e social. Assim, o adulto conquista o carisma devido à relação de confiança, sendo reconhecido perante os jovens como responsável e seguro de seus atos. Isto não significa que por ter mais experiência de vida deverá apresentar rendimento escolar superior aos mais jovens, pois a motivação e a determinação de estudar são essenciais no êxito de sua escolarização. Esta motivação surge da necessidade do adulto recuperar a auto-estima, como perspectiva profissional e social; enquanto que o jovem é pressionado por fatores externos – família, comunidade, trabalho, religião –, contribuindo geralmente no comportamento arreado e pelo baixo rendimento. Portanto, nesta interação surge a necessidade de trocas: o adulto contribui com a experiência de vida (maturidade) e o jovem com a experiência escolar (anos letivos).

Buscando compreender as relações entre jovens e adultos num mesmo ambiente escolar traçamos um perfil da turma pesquisada, onde constatou-se que a maioria dos alunos são jovens, solteiros e desempregados. Sendo o principal motivo de retornarem aos estudos a repetência no ensino público regular por causa da necessidade de trabalho, pois estes pertencem a classes sociais menos favorecidas e ainda prevalece a desmotivação no estudo, resultado da concorrência entre a escola e outros meios: mídia, lazer, drogas, namoro. No caminho inverso, segue os adultos, impulsionados pela melhora da remuneração e na possibilidade de ascensão na carreira profissional; na maioria são casados e têm filhos, que enfrentam o problema da disponibilidade de tempo para o estudo, a família e o trabalho.

As turmas da EJA, geralmente, são constituídas por alunos das classes populares e que na nossa pesquisa, além desta constatação, percebe-se que a maioria não é nativa do município de Palhoça, mas de cidades da região, onde migraram para maiores oportunidades de trabalho e baixo custo de moradia. O tempo reduzido de conclusão do curso serve como atrativo a esta modalidade de ensino tanto para os jovens quanto para os adultos; associado a necessidade de inserção no mercado de trabalho, aquisição de conhecimento e a inclusão social são os principais motivos para o retorno aos estudos, sendo que o jovem está mais

preocupado com a empregabilidade e o adulto com o nível cultural, social e satisfação pessoal.

Relembrando Sposito & Galvão (2004, p. 372-373) o aprendizado das relações entre os sexos, idades e o desenvolvimento das amizades propiciam ricas experiências de sociabilidades. É uma saída do mundo privado para o mundo social. Cultivar amigos, ter novos colegas, ter a capacidade de dialogar sobre vários assuntos e estabelecer boas relações constroem territórios em que se permitem conhecer o outro. Assim, as interações entre os pares constituem um importante espaço, onde as práticas e experiências de vidas coletivas contribuem para o amadurecimento e valorização do tempo presente.

Esta monografia comprova que a interação entre alunos de diferentes idades num mesmo espaço escolar contribui para o êxito na aprendizagem destes devido às trocas de experiências, a motivação irradiada dos adultos, a flexibilidade e o conteúdo didático recente dos mais jovens; promovendo o crescimento interpessoal, a quebra de preconceitos entre gerações e o desenvolvimento do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Miguel. **Crítica das políticas de juventude**. In: FREITAS, Maria Virgínia; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). Políticas públicas; juventude em pauta. São Paulo: Cortez, 2003.

ARROYO, Miguel González. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos**. In: Formação de educadores de jovens e adultos. Org. SOARES, Leôncio. – Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

BERQUÓ, Elza. **Arranjos familiares no Brasil: Uma visão demográfica**. In: A história da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SCHWARCZ, Lília Moritz. (Org.) São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

BOLLMANN, Maria da Graça Nóbrega. **A Formação de Professores e o Direito à Educação de Qualidade Social frente às Mudanças Neoliberais no Brasil**. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – Texto da autora apresentado no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado. Florianópolis, 2006.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A educação de adultos trabalhadores na perspectiva revolucionária**: 1. Educação escolar e empregabilidade. Texto entregue no Curso de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade EJA. Módulo: CURRÍCULO DE EJA. Agost/2006. CEFET – Florianópolis/SC.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **A Invisibilidade da Juventude na Vida Escolar**. In: Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis: v. 22, n. 2, p. 325-343, jul./dez., Org. DURAND, Olga Celestina da Silva & SCHMIDT, Maria Auxiliadora; 2004.

_____. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educ Pesq., São Paulo, v. 27, n. 1, 2001. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 02 Nov 2006.

COSTA, Marco Antonio F. da Costa & COSTA Maria de Fátima Barrozo da. **Metodologia da pesquisa**: Conceitos e técnicas. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, nº 24. Set /Out/ Nov /Dez 2003.

_____. **Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos**. In: Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Org. SOARES, Leôncio, et all. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DURAND, Olga Celestina da Silva & SCHMIDT, Maria Auxiliadora; **PERSPECTIVA: REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**, Florianópolis: v. 22, n. 2, jul./dez. Apresentação p. 291 - 293; Organizado pelas autoras citadas; 2004.

FERRIGNO, José Carlos. **Co-educação Entre Gerações**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis de. **Educação Matemática de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Avercamp, 2005.

HADDAD, Sergio & DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos**. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, nº 14, Mai/Jun/Jul/Agost/2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Mensal de Emprego (PME)**. Brasília: IBGE, 2006.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **Tempos e Percursos de Jovens e Adultos**: por uma escolaridade 'não perdida'. In: VI Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul; D Room – VIANPED Sul. Santa Maria: PPGE/UFSM, 2006.

MAFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Editora Artes e Ofício, 1995.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPED, Caxambu, set./1999.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CEJA DE FLORIANÓPOLIS, 2004. CEJA de Florianópolis/SC.

Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Art. 2º.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. **Desinteresse, Emprego e Falta de Transporte tiram 20% dos Jovens da Escola**. In: Revista Aprende Brasil; Mural. Abril/maio 2007.

SALOMON, Dêlcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHÜTZ, Amanda. **A chama do teu isqueiro quer incendiar a cidade**: a produção do rock nacional como forma de contestação na década de 1980. Trabalho de conclusão de Curso em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

SILVA, Mariléia Maria da. **O trabalho para os jovens diplomados no novo modelo de acumulação capitalista.** In: Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis: v. 22, n. 2, Jul./Dez.; p. 408 – 423. Organizado por DURAND, Olga Celestina da Silva & SCHMIDT, Maria Auxiliadora. 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. GALVÃO, Izabel. **A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens:** o conhecimento, a indisciplina, a violência. In: Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 345 – 380, Jul./Dez. 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estado do Conhecimento: Juventude e Escolarização.** Nota Introdutória, Org. por SPOSITO, Marília Pontes; 2000.

SOUZA, Fábio Francisco Feltrin. **O futuro não é mais como era antigamente:** o mundo do Legião Urbana. Trabalho de Conclusão de Curso em História. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

VIANNA, Hermano. **Galerias cariocas:** Territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

WIENHAGE, PAULO; **A educação de jovens e adultos:** algumas considerações. Monografia (Especialização) - Centro de Ciências da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC: 2000.

www.mec.gov.br. **FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica.** (Consulta em: 29/07/2007)

www.mec.gov.br. Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96. (Consulta em: 05/02/2007)

WIKIPEDIA, Enciclopédia Livre. **Empregabilidade.**
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Empregabilidade> (Consulta em: 28/07/2007).

ANEXOS

INSTRUMENTO DE PESQUISA
PARA COLETA DE DADOS E ANÁLISE DE INFORMAÇÕES
PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Caro Aluno(a):

O questionário apresentado a seguir é parte integrante de uma pesquisa com o propósito de elaboração de uma monografia para o Curso de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos – Pós-Graduação *Lato Sensu*, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET) - Unidade de Florianópolis.

Este trabalho tem por objetivo verificar a efetividade do ensino-aprendizagem dentro de um mesmo ambiente constituído por faixas etárias diferentes, razão pela qual a sua resposta é muito importante, uma vez que, analisada juntamente com as demais, proporcionará informações detalhadas de ações de processos pedagógicos e políticos que levarão a uma reflexão crítica e a contribuições para a Educação de Jovens e Adultos.

Ressalta-se que o nome dos respondentes será mantido em sigilo, visando à preservação da identidade e, em momento algum, os respondentes serão identificados.

Sua participação é muito importante para o êxito de nosso trabalho.

Almir Alves Júnior
Amanda Schütz
Zelinda Bentinha Ribeiro

Alunos do Curso de Especialização em Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Jovens e Adultos

Por favor, responda as questões seguintes:

1. Idade: _____
2. Naturalidade: _____
3. Estado Civil: (marque somente uma alternativa)
☐ Solteiro. ☐ Casado. ☐ Viúvo. ☐ União Estável. ☐ Outros.
4. Possui filhos?
☐ Sim, quantos? _____ ☐ Não
5. Se a resposta for sim, qual a idade dos filhos? _____
6. Profissão? _____
7. Mora em que bairro? _____
8. Estuda no mesmo bairro em que mora?
☐ Sim. ☐ Não.
9. Coursou o Ensino Fundamental em escola:
☐ Pública. ☐ Particular. ☐ Parte em particular/ parte em pública.
10. Coursou o Ensino Fundamental em:
☐ Ensino Regular. ☐ EJA e/ou Supletivo.
☐ parte em ensino regular, parte em EJA e/ou supletivo.
11. Chegou a ingressar no Ensino Médio regular?
☐ Sim. ☐ Não.
12. Parou de estudar por determinado tempo?
☐ Sim. Quanto tempo? _____
☐ Não.
13. Por que optou pela EJA? (pode marcar mais de uma alternativa)*
☐ Tempo de conclusão reduzido.
☐ Encaminhamento da escola onde estudava.

() Estava muito tempo fora da sala de aula.

() Não se sentia a vontade cursando o ensino regular, devido as diferenças de idade com os demais alunos.

14. Por que voltou a estudar? (pode marcar mais de uma alternativa)*

() Inserir-se no mercado de trabalho.

() Exigência da empresa onde trabalha.

() Sentir-se incluído na comunidade/sociedade.

() Adquirir conhecimento.

() Para fazer amigos/ conhecer pessoas.

() Ajudar o (s) filho (s) em suas tarefas escolares.

() Conseguir independência social/cultural.

() Outros. Quais? _____

15. Seus **colegas de turma** na sua maioria têm entre:

() 17 a 19 anos

() 20 a 24 anos

() 25 a 30 anos

() 31 a 35 anos

() 36 a 40 anos

() 41 a 45 anos

() 46 a 50 anos

() 51 a 60 anos

() acima de 60 anos

16. Seu **grupo de amigos dentro de sala de aula** pertence a qual idade?

() 17 a 19 anos

() 20 a 24 anos

() 25 a 30 anos

() 31 a 35 anos

() 36 a 40 anos

() 41 a 45 anos

() 46 a 50 anos

() 51 a 60 anos

() acima de 60 anos

17. Seus trabalhos/provas/atividades em sala de aula são realizados com colegas pertencentes a qual idade?

() 17 a 19 anos

() 20 a 24 anos

() 25 a 30 anos

() 31 a 35 anos

() 36 a 40 anos

() 41 a 45 anos

() 46 a 50 anos

() 51 a 60 anos

() acima de 60 anos

18. Os alunos mais participantes em sala de aula são os alunos entre as idades?

() 17 a 19 anos

() 20 a 24 anos

() 25 a 30 anos

() 31 a 35 anos

() 36 a 40 anos

() 41 a 45 anos

() 46 a 50 anos

() 51 a 60 anos

() acima de 60 anos

19. Você percebe que se aprende melhor em uma sala de aula onde há alunos de diferentes idades?

() Sim. Por que? _____

() Não. Por que? _____

() Indiferente

() Nunca pensou sobre o assunto

20. O fato de ter alunos mais novos e mais velhos interfere sua participação na aula?

() Sim. Por que? _____

() Não. Por que? _____

() Indiferente.

() nunca pensou sobre o assunto.